

Lewis
Carroll



ALICE

NO PAÍS DAS
MARAVILHAS



Ciranda Cultural

ALICE

NO PAÍS DAS
MARAVILHAS

Lewis Carroll

Edição Bilingue

ALICE

NO PAÍS DAS
MARAVILHAS

Lewis Carroll

Traduzido por André Cristi



PREFÁCIO

O senhor Dodgson nos contou muitas histórias durante várias das expedições que fazíamos pelo rio para visitar Nuneham ou Godstow, perto de Oxford. Minha irmã mais velha, agora senhora Skene, era “Prima”, eu era “Secunda” e minha irmã Edith era “Tertia”. Acho que o começo de Alice foi inventado em uma dessas tardes de verão. O sol estava tão forte que deixamos o bote na margem gramada do rio e fugimos para a única sombra à vista, debaixo de uma choupana de feno recém-cortado. Ali, nós três fizemos o velho pedido: “Conta uma história?”. E foi assim que aquela aventura maravilhosa teve início. Às vezes, ele nos provocava — talvez por estar realmente cansado — e parava de repente dizendo: “E por hoje é só, até a próxima vez”. “Ah, mas esta já é a próxima vez!”, exclamávamos. Depois de insistirmos um pouco, a história recomeçava. Outras vezes, a narrativa principiava ainda no barco, e o senhor Dodgson, no meio de uma história vibrante, fingia cair no sono de repente, para nosso desespero.

Alice Liddell¹

TODOS NA TARDE DOURADA

*Vamos nós na tarde dourada
Cair suavemente;
Bracinhos remando sem arte
Levam a proa à frente,
Mãozinhas apontam o norte,
Pretensiosamente.*

*Oh, Trio terrível! Bem na hora
Da vadiagem boa,
Elas imploram por um conto
Uma historinha à toa!
Uma língua contra três: três
Veze mais qual ecoa?*

*Prima, bem mandona, decreta:
— Hora de começar.
Secunda, mais meiga, acredita:
— Sentido não terá.
Irrequieta, Tertia atrapalha
O conto sem parar.*

*Assim que o silêncio domina,
A magia então fervilha
São aventuras de uma menina
No País das Maravilhas,
Onde jabutis, grifos e lagostas —
Gostam de dançar quadrilha.*

*Quando a história secava
O poço quimérico,
O contador desconversava:
— O próximo conto será feérico.
— Mas o próximo é agora! —
Pediam as três eufóricas.*

*Eis que surgiu o tal país:
Pedaço por pedaço,
Foram lavrados seus relevos —
Restam prontos seus traços,
O sol se põe, voltamos nós,
Trupe de alegre passo.*

*Agarre, Alice, esta história,
Com tua mão gentil.
Lançai-a fundo na memória
Mística e juvenil,*

*Feito peregrino que guarda
Flores murchas a fio.*

DENTRO DA TOCA DO COELHO

Alice já estava cansada de ficar sentada no banco sem nada para fazer. Por uma ou duas vezes ela xeretou o livro que a irmã lia a seu lado, mas nele não havia figuras nem diálogos.

“Para que serve um livro sem figuras nem diálogos?”,
Alice pensou.

Ela considerava o tanto quanto podia (afinal, o dia quente a deixava zozna e sonolenta) se o prazer de montar uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar para colhê-las. Foi quando, de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de *tão* incrível nisso. Alice também não achou *nada de mais* ouvir o Coelho Branco conversar sozinho:

— Ai, rapaz! Ai, rapaz! Vou me atrasar — ele dizia.

Depois, ao pensar melhor, passou pela cabeça de Alice que ela deveria ter se impressionado mesmo que só um pouquinho com aquilo. Na hora, entretanto, tudo lhe pareceu completamente normal.

Alice só se alvoroçou quando o Coelho Branco *sacou um relógio do bolso de seu colete*, checkou as horas e saiu apressado. Ela se deu conta de que nunca tinha visto um coelho com um relógio no bolso do colete. Ardendo de curiosidade, correu atrás dele a tempo de vê-lo se emburacar toca adentro no pé de uma cerca.

No instante seguinte, era Alice quem se entocava ali. Decidiu perseguir o Coelho Branco sem refletir sobre como sairia daquele buraco.

A toca tinha um trecho reto semelhante a um túnel. Depois, inclinava-se bruscamente para baixo, tão bruscamente que Alice não foi sequer capaz de pensar em frear. Simplesmente despencou em um poço de grande profundidade.

Aliás, das duas uma: ou o poço era demasiado fundo ou ela estava caindo bem devagarinho. A queda era tão demorada, mas tão demorada que Alice conseguia observar tudo a seu redor e pensar tranquilamente no que aconteceria depois. Primeiro, tentou olhar para baixo, para descobrir onde ia parar, mas era impossível enxergar o que havia no fundo escuro. Então ela percebeu que as laterais do poço estavam repletas de prateleiras, estantes de livros, mapas e obras de arte.

De passagem, Alice puxou um jarro das prateleiras. Seu rótulo dizia *geleia de laranja*; contudo, para sua decepção, estava vazio. Ela não queria deixar o jarro cair. Tinha medo de matar alguém, então o devolveu às estantes durante a queda.

“Depois desse tombo, não vou mais me importar quando cair da escada! Em casa todo mundo vai me achar muito valente”, pensou consigo mesma. “Ora, mas eu nunca contaria nada, mesmo se caísse de cima da casa”. E Alice não contaria mesmo.

E caía, caía, caía. Será que aquela queda não acabaria *nunca*?

— Quantos quilômetros eu despenquei? Já devo estar me aproximando do centro da Terra. Deixe-me ver: acho que isso deve ser por volta de uns seis mil quilômetros — dizia em voz alta.

Veja você que Alice aprendera várias coisas na escola e, apesar de essa não ser a *melhor* oportunidade para demonstrar seu conhecimento, afinal ninguém a estava escutando, ela sentia que recitar em voz alta parecia um ótimo exercício de memória.

— Sim, a distância é mais ou menos essa, em latitude e longitude. Será que eu cheguei?

Alice não tinha ideia do que era latitude ou longitude, mas considerava essas palavras monumentais ao serem ditas em voz alta. Logo ela retomava a prosa:

— Será que vou *atravessar* a Terra nesse tombo? Vai ser muito engraçado sair do outro lado, no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo: os antipáticos! — Dessa vez foi um alívio *não ter* ninguém para ouvi-la, pois “antipáticos” não soou nem um pouco como a palavra correta.

— Precisarei perguntar a eles o nome do país: “Olá, senhorita, aqui é a China ou o Japão?”. — Alice fazia reverência enquanto falava e despencava! Se *você* estivesse em queda livre, acha que seria capaz de fazer o mesmo?

— A moça vai me achar muito ignorante por perguntar — dizia ela. — Não vai dar certo. Talvez eu veja o nome do país escrito em algum lugar.

Ela caía, caía, caía e, como não tinha mais nada para fazer, voltava a tagarelar:

— A Diná vai sentir muito minha falta esta noite — disse, lembrando-se de sua gata. — Espero que eles se lembrem de dar leite para ela. Diná, minha querida! Como eu queria você aqui embaixo comigo! Não tem rato no ar, mas você bem que poderia

caçar um morcego, que é quase um rato. Será que gato come morcego? — perguntou.

Em seguida, já bastante sonolenta, repetiu como se sonhasse:

— Será que gato come morcego? Será que cego come morgato? Será que gago come morceto? Será que morcego come gato? — questionava-se, embaralhando os bichos. Afinal de contas, quando não sabemos exatamente como responder a uma pergunta, não importa muito o jeito de dizê-la, não é mesmo?

Ela adormeceu lentamente e sonhou caminhar de mãos dadas com Diná, dizendo a ela com muita franqueza:

— Vai, Diná, me diz a verdade: você já comeu um morcego?

Então, de repente: *plunct!* Aterrissou em um amontoado de gravetos e folhas secas. A queda havia chegado ao fim.

Sem nenhum arranhão, ela se levantou em um instante. Olhou para cima, mas sobre sua cabeça tudo estava escuro. Atrás de Alice havia outra passagem longa, onde ainda se podia ver o Coelho Branco descendo bem depressa. Não dava para perder nem um segundo: lá foi a menina, veloz como o vento, bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao fazer a curva:

— Pelos meus bigodes! Vou me atrasar!

Alice estava perto dele ao fazer a curva, mas o Coelho Branco já não podia mais ser visto. Então, chegou a um salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto.

Havia portas por todos os lados, mas todas estavam trancadas. Após tentar abrir cada uma delas, Alice caminhou com tristeza até o meio do cômodo pensando em como poderia sair dali.

De repente, foi surpreendida por uma mesa de três pés, toda feita de vidro e sobre a qual havia apenas uma chavezinha dourada. O primeiro pensamento de Alice foi que pertencia a uma das portas do salão. Mas, poxa vida, ou as trancas eram largas demais ou a chave era muito miúda. Isso tornava impossível abrir qualquer uma das portas. Foi nesse momento que Alice percebeu uma pequena cortina na parede. Atrás dela havia uma portinha com uns quarenta centímetros de altura: a menina experimentou a chave na fechadura e, para sua enorme satisfação, encaixaram perfeitamente!

Abriu a porta e descobriu uma pequena passagem, não muito maior que uma toca de rato. Ajoelhou-se e viu o mais lindo jardim. Desejou poder sair do salão escuro e passear entre aquelas flores coloridas e fontes refrescantes, mas a porta era minúscula e nem sequer sua cabeça passava por ela.

“E mesmo se minha cabeça passasse”, pensou, “não serviria de muita coisa sem meus ombros. Ah, como eu queria poder encolher feito uma luneta de pirata! Acho que conseguiria se soubesse como começar...” Após tantos acontecimentos excepcionais, Alice começou a pensar que pouquíssimas coisas eram, de fato, impossíveis.

Parecia não haver motivo para esperar perto da porta. Assim, ela voltou à mesa, esperando encontrar outra chave ou um livro de instruções sobre como diminuir as coisas, como quando guardamos uma luneta. Estava perdida em meio às ideias mais malucas, quando encontrou uma garrafa.

— Que certamente não estava por aqui antes — ela disse. Seu rótulo de papel continha a palavra *beba-me* lindamente impressa.

Tudo bem que na garrafa se lia *beba-me*, mas a esperta Alice não faria isso com pressa.

“Não, primeiro eu vou procurar se está escrito ‘veneno’ em algum lugar”, pensou, pois lera boas historinhas sobre crianças que se queimaram, foram engolidas por bestas selvagens e outras coisas desagradáveis porque não respeitaram regras básicas ensinadas por seus amigos. Por exemplo, um ferro quente nos queima se for segurado por muito tempo, ou se você cortar seu dedo *bem* fundo com uma faca, ele certamente vai sangrar. Alice nunca esqueceu que, se a gente beber muito de uma garrafa com a marca “veneno”, é quase certo que vai se desconjuntar mais cedo ou tarde.

Essa garrafa, porém, não estava rotulada como “veneno”. Assim, Alice se aventurou a experimentá-la e achou a bebida muito boa. Tinha, ao mesmo tempo, um gosto de torta de cereja, creme de leite, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada amanteigada. Ela bebeu tudo bem rápido.

* * * * *

— Que sensação curiosa! — ela disse. — Estou encolhendo como uma luneta!

E era verdade: ela agora media vinte e cinco centímetros! Seu rosto se iluminou com o pensamento de que esse era o tamanho certo para passar naquela portinha e entrar no lindo jardim. Primeiro ela esperou alguns minutos para ver se encolheria ainda mais. Alice estava um pouco nervosa em relação a isso.

“Pode ser que no final eu desapareça”, pensou consigo mesma, “como se fosse uma vela derretida. No que eu me tornaria então?”

Tentou imaginar o que a chama de uma vela se torna depois de assoprada, coisa que nunca tinha visto antes.

Depois de um tempo, ao perceber que mais nada aconteceria, ela decidiu adentrar o jardim, mas (poxa vida, pobre Alice!) quando chegou à porta, notou que havia esquecido a chavezinha dourada. Quando voltou para buscá-la, percebeu que não a alcançava mais. Conseguia ver a chave claramente através do vidro da mesa. Tentou escalar, mas as pernas do móvel eram muito escorregadias. Quando se cansou de tentar, a pobrezinha sentou e chorou.

— Vamos lá, chorar assim não adianta de nada! — ela disse, severa consigo mesma. — Eu te aconselho a ir embora neste minuto! — Ela geralmente dava ótimos conselhos a si mesma (apesar de raramente segui-los). Às vezes, Alice se repreendia de maneira tão dura que chorava. Uma vez, tentou dar um tapa na própria orelha por ter trapaceado em uma partida de croqué que jogava contra si mesma. Vejam só: essa interessante criança adorava fingir ser duas pessoas.

“Mas agora de nada adianta fingir ser duas pessoas”, pensou a pobre Alice. “Não sobrou de mim sequer o suficiente para fazer *uma* pessoa respeitável!”

Logo seus olhos pousaram sobre uma caixinha de vidro que estava debaixo da mesa. Ela a abriu e encontrou um bolo bem pequenino, no qual a palavra *coma-me* estava lindamente escrita com groselha.

— Bem, eu vou comer — ela disse. — Se crescer, alcanço a chave; se encolher, rastejo por debaixo da porta. Então, entrarei no jardim de qualquer maneira, nem ligo para qual forma será!

Comeu um pedacinho e ansiosamente aguardou com a mão sobre a cabeça para sentir se crescia ou diminuía. Ficou bem surpresa ao notar que permanecia do mesmo tamanho. É o que geralmente acontece com quem come bolo, mas Alice já estava tão habituada a esperar acontecimentos bizarros que parecia bem estúpido ver a vida acontecer do jeito normal.

Então, ela se lançou ao trabalho e, rapidinho, comeu todo o bolo.

* * * * *

UMA PISCINA DE LÁGRIMAS

E stá cada vez mais interessante! — gritou Alice. Ela estava tão surpresa que, por um momento, até se esqueceu de como falar corretamente. — Agora estou me esticando como se fosse a maior luneta do mundo! Adeus, pés!

Quando olhou para baixo, eles pareciam quase fora do seu campo de visão, de tão distantes.

— Oh, pobres pezinhos! Quem colocará meias e sapatos em vocês agora, meus queridos? Eu que *não* vou, pois estarei longe demais para me preocupar. É melhor se virarem como conseguirem. Se bem que preciso ser boazinha com eles — ponderou Alice. — Ou poderão não andar para o lado que eu quiser. Deixe-me ver: ah, já sei! Todo Natal vou presenteá-los com um novo par de sapatos!

E seguiu planejando como resolveria o problema.

— Precisarei enviar pelo correio. Será muito engraçado: mandar um presente para meus próprios pés! O endereçamento vai ficar muito esquisito!

Ao Digníssimo Pé Direito.

Tapete, perto da Lareira

(com amor, Alice).

— Céus, que absurdo estou falando!

Justamente nessa hora ela bateu com a cabeça no teto do salão: Alice agora tinha três metros. Em um instante, agarrou a chavezinha dourada e se apressou na direção do jardim.

Pobre Alice! Tudo o que ela podia fazer era deitar-se de lado para olhar o jardim com um dos olhos. Atravessar a porta estava mais difícil que nunca! Sentou e voltou a chorar.

— Você deveria se envergonhar! — ela disse. — Uma menina grande como você chorar assim! Pare agora, estou mandando!

Mas continuou do mesmo jeito, derramando galões de lágrimas até formar uma piscina ao redor de si mesma, com dez centímetros de profundidade e cobrindo metade do salão.

Depois de um tempo, escutou baixinho um som de passos e, apressadamente, secou os olhos úmidos para ver quem vinha. Era o Coelho Branco que voltava, vestido de um jeito esplêndido, com um par de luvas de pelica em uma das mãos e um grande abanador na outra. Com a maior pressa do mundo, resmungava:

— Ai, a Duquesa! Ai, a Duquesa! Ela vai ficar uma fera por eu tê-la deixado esperando!

Alice se desesperou a ponto de pedir ajuda para qualquer um. Então, quando o Coelho Branco se aproximou, lá foi ela, com uma voz e tímida:

— Com licença, senhor...

E o Coelho partiu descontrolado, deixando cair as luvas e o abanador, escapando para a escuridão o mais rápido que podia.

Como o salão estava quentíssimo, Alice pegou as coisas do chão e ficou se abanando:

— Poxa vida, poxa vida! Está tudo tão esquisito hoje! Ontem tudo correu normalmente. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar... vejamos: será que eu era eu mesma quando acordei esta manhã? Estou quase achando que levantei da cama me sentindo um pouco diferente. Se eu não sou mais a mesma, a pergunta inevitável é: quem, neste mundo, eu sou? *Esse é o enigma!*

Então, começou a pensar em todas as crianças da mesma idade que conhecia, para ver se tinha sido trocada por alguma delas.

— A Ada com certeza eu não sou — ela disse. — Porque o cabelo dela é todo cacheado e o meu não tem cachos. E com certeza não posso ser a Mabel, porque eu sei várias coisas e ela não sabe quase nada! Além disso, ela é ela e eu sou eu. Minha nossa, que confusão! Vou me testar para ver se ainda sei de tudo o que sabia: quatro vezes cinco igual a doze. Quatro vezes seis igual a treze. Quatro vezes sete igual a... Caramba! Assim eu nunca vou chegar no vinte. Mas a tabuada não quer dizer que fui trocada, vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, e Roma... Minha nossa, está tudo errado! Devo ter virado a Mabel. Vou tentar recitar “O pequenino crocodilo”.²

Alice então cruzou as mãos sobre seu colo como se fosse uma professora e passou a repetir uma canção, mas sua voz estava rouca e estranha. As palavras não surgiam como deveriam. Ela recitou:

— *O pequenino crocodilo*
Da cauda no capricho
Sacode as águas do Rio Nilo
Com o seu reboição.

*Cheinho de felicidade
estica o gogó
pra receber com amizade
lindos peixes, ô dó!”*

— Tenho certeza de que a canção não é assim — a pobrezinha disse.

Com os olhos lacrimejando, continuou o raciocínio:

— Devo mesmo ter virado a Mabel e vou precisar morar naquela casinha acanhada, quase sem nenhum brinquedo e cheia de lição pra fazer! Não, eu já me decidi: se eu for mesmo a Mabel, fico aqui embaixo! Nem adianta enfiar a cabeça na toca para me chamar. Se me chamarem de volta, vou olhar para cima e perguntar: “Quem é que eu sou? Respondam isso primeiro e, se eu quiser ser a tal pessoa, subo. Senão, fico aqui até que eu me transforme em outra”. Minha nossa — disse Alice —, como eu *queria* que me chamassem! Já estou *muito* cansada de ficar sozinha!

Ao dizer isso, notou com surpresa que havia calçado uma das luvas do Coelho Branco.

“Como é que eu fiz isso?”, pensou Alice. “Devo estar diminuindo de volta.”

Levantou-se e foi até a mesa para se medir. Alice tinha agora um pouco mais de meio metro e encolhia cada vez mais. Ela logo percebeu que o abanador a fazia diminuir e jogou-o no chão a tempo de evitar que encolhesse a ponto de desaparecer.

— Essa foi por *pouco*! — ela disse, bem assustada com a mudança repentina, mas contente por ainda existir. — Vamos para o jardim!

E correu o quanto podia até a portinha, mas caramba, estava trancada de novo, com a chavezinha dourada ainda sobre a mesa.

“Estou pior do que nunca!”, pensou a coitada da criança. “Eu nunca estive tão pequenininha, nunca! E é horrível!”

Seus pés escorregaram enquanto dizia essas palavras e *tchibum!* Em um segundo ela já estava coberta de água salgada até o queixo. Sua primeira impressão foi de que tinha caído no mar.

“Nesse caso, posso voltar de trem”, refletiu.

Alice foi à praia certa vez e concluiu que, em qualquer parte do litoral, você encontrará máquinas de banho³, crianças cavando na areia, uma fileira de pousadas e, atrás disso tudo, uma estação de trem.

Porém, logo entendeu que estava na piscina das lágrimas choradas por ela mesma quando media três metros.

— Eu queria não ter chorado tanto! — ela disse, nadando em busca de alguma saída. — Agora acabarei afogada nas minhas próprias lágrimas. Será a coisa mais esquisita que já vi, em um dia em que já está tudo muito estranho!

Foi então que ouviu algo se debater na piscina. Chegou mais perto para ver o que era. De início, pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas então se recordou de como estava miúda e percebeu que era só um camundongo que também havia escorregado ali dentro, como ela.

“Será que adianta falar com esse camundongo?”, pensou Alice. “É tudo tão fora do normal aqui embaixo que ele, muito provavelmente, também deve falar. Além disso, tentar não vai fazer mal nenhum.”

Então, lá foi ela:

— Ó Camundongo! Você por acaso sabe como sair desta piscina? Já me cansei de ficar nadando por aqui, viu, ó Camundongo!

Alice achou que essa era a maneira correta de se dirigir a um camundongo. Nunca tinha feito isso antes, no entanto, recordava-se de ter visto na *Gramática latina* do irmão, “Um camundongo... de um camundongo... para um camundongo... um camundongo... ó camundongo!”.

O Camundongo a olhou de modo inquisitivo e pareceu piscar um de seus olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez ele não entenda a minha língua” pensou Alice. “Ouso dizer que é um camundongo francês, companheiro de Guilherme, o Conquistador.”⁴

É que, dado seu vasto conhecimento de História, Alice não tinha muita clareza sobre quão antigos eram os acontecimentos.

Então, recomeçou o assunto.

— *Ou est ma chatte?* — A frase, que significa “onde está minha gata?”, era a primeira do livro de francês de Alice.

O Camundongo saltou com violência da água e parecia se tremer inteiro de pavor.

— Perdoe-me, por favor! — suplicou Alice, com medo de ter ferido os sentimentos do animalzinho. — Esqueci que você não gosta de gatos.

— Não gosto de gato! — guinchou o Camundongo, veemente. — *Você gostaria de gatos se fosse eu?*

— Bem, talvez não — disse ela, em um tom calmo. — Não fique bravo por isso. Ah, eu adoraria lhe mostrar nossa gata, a Diná. Você passaria a ter carinho por gatos se ao menos pudesse vê-la. Ela é muito querida e tranquila.

E continuou, meio para si mesma, enquanto se espreguiçava pela piscina.

— Ela ronrona tão boazinha perto da lareira, lambendo as patas e limpando o focinho. É fofinha e ótima para fazer carinho. E ela é impossível caçando roedores... ai, perdoe-me, por favor! — suplicou novamente.

Desta vez, o Camundongo estava todo arrepiado e Alice teve certeza de que tinha sido ofensiva.

— Não falaremos mais dela se você não quiser — ela disse.

— Não mesmo! — berrou o Camundongo.

Tremia das orelhas à ponta do rabo.

— Até parece que *eu* falaria de um assunto desses! Nossa família sempre *odiou* gatos, esses animais sórdidos, baixos, vulgares! Não me faça ouvir esse nome de novo!

— E não vou mesmo! — ela disse, apressada para mudar de assunto. — Você... você gosta de... de... de cachorros?

O Camundongo não respondeu, então Alice continuou, ansiosa:

— Tem um cachorrinho tão lindo perto da nossa casa, eu adoraria lhe apresentar! Um pequeno terrier de olhos claros, sabe, com aquele pelo marrom bem enrolado! E ele busca as coisas que você arremessa. Depois, se senta implorando pelo jantar e tudo o mais... não consigo lembrar nem metade das coisas que ele é capaz de fazer... e ele pertence a um fazendeiro, sabe? O dono dele o acha

muito útil, diz que vale pelo menos cem libras! E o dono diz que ele mata tudo quanto é rat... ai, poxa vida! — choramingou Alice. — Parece que o ofendi outra vez!

O Camundongo fugiu dela com toda força, provocando ondas em toda a piscina enquanto nadava.

Então Alice o chamou delicadamente.

— Camundongo, meu querido! Volte aqui, não falaremos mais nem de gato nem de cachorro já que você não gosta deles!

Ele ouviu, deu meia volta e flutuou lentamente em direção a Alice.

— Vamos para a beirada, lá eu contarei minha história e você vai entender por que é que odeio gatos e cachorros — ele disse.

Já era hora de ir, pois a piscina estava ficando congestionada com os pássaros e animais que tinham caído nela: havia um Pato e um Dodô, um Periquito Arco-Íris, uma Águia e mais um punhado de bichos interessantes. Alice abriu caminho e toda a patota emplumada a seguiu até a beirada.

A CORRIDA MALUCA E UMA HISTÓRIA CAUDALOSA

Formavam de fato uma turma engraçada... Todos os pássaros com suas penas encharcadas, os animais com suas pelagens pegajosas, todos ensopados, irritados e desconfortáveis.

A primeira questão, obviamente, era como ficariam secos novamente. Eles trocaram ideias sobre isso e, após alguns minutos, Alice conversava como se os conhecesse por toda a vida. Ela travou um debate realmente longo com o Periquito que, emburrado, disse apenas:

— Eu sou mais velho que você e sei mais das coisas.

Alice só aceitaria esse argumento se soubesse quantos anos ele tinha. Porém, como o Periquito se recusava a revelar a própria idade, a conversa acabou por aí.

Finalmente, o Camundongo, que parecia a maior autoridade ali, declarou:

— Sentem-se todos e me escutem! *Eu* deixarei todos secos!

E todos se sentaram em um só instante, formando uma grande roda com o Camundongo no centro. Alice olhou fixamente para ele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado se não se secasse rápido.

— Hum-hum! — pigarreou o Camundongo com ar importante.
— Prontos? Essa é a coisa mais árida que eu conheço. Silêncio, se me permitem! “Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi apoiada

pelo papa, acabou rendido pelos ingleses, que queriam líderes e estavam muito acostumados à usurpação e à conquista. Eduíno e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria...”

— Aff! — resmungou o Periquito, em um arrepio.

— Perdão! — disse o Camundongo, franzindo a testa, mas de maneira bem cortês. — Disse algo?

— Eu não! — cuspiu o Periquito.

— Tive essa impressão — disse o Camundongo. — Prosseguindo: “Eduíno e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria, apoiaram-no; até Stigand, o mui-patriota arcebispo da Cantuária, achando isso aconselhável...”.

— Achando o quê? — disse o Pato.

— Achando isso — respondeu o Camundongo, irritado. — Você obviamente sabe a que se refere o “isso”.

— Eu sei muito bem o que quer dizer “isso”, principalmente quando *eu* acho algo — disse o Pato. — Quase sempre é um sapo ou uma minhoca.

A pergunta é, o arcebispo achou o quê?

O Camundongo ignorou a pergunta e continuou desembestado.

— “Achando isso aconselhável, foi, em conjunto com Edgar, o Atelingo, ter com Guilherme e oferecer a coroa. A princípio, Guilherme teve uma conduta moderada. Mas a insolência dos normandos...” como estamos agora, querida? — disse, virando-se para Alice.

— Molhada do mesmo jeito — disse Alice, com tristeza. — Não estou me secando nem um pouco.

— Neste caso — disse o Dodô, solene, pondo-se em pé —, indico o adiamento da presente reunião para que tomemos medidas mais enérgicas imediatamente...

— Fala direito! — disse a Águia. — Eu não sei o significado de metade desses palavrões e digo mais: ninguém aqui sabe!

A Águia baixou a cabeça para esconder a risada. Também foi possível escutar o riso de alguns pássaros.

— Eu ia falar — disse o Dodô, ofendido — que a melhor solução para nos secarmos seria uma corrida em panelinha.

— O que é corrida em panelinha? — perguntou Alice.

Não que ela quisesse realmente saber, mas é que o Dodô pausou como se esperasse pela pergunta de *alguém* e ninguém ali parecia inclinado a dizer nada.

— Ora — disse o Dodô —, a melhor maneira de explicar é fazendo.

(Como você também pode querer arriscar fazer isso num dia de inverno, vou lhe contar como o Dodô conseguiu.)

Primeiro, riscou uma pista de corrida mais ou menos na forma de um círculo.

— O formato da coisa não importa — disse.

Então, a patota se espalhou pelo percurso. Não teve “um, dois, três e já”, eles simplesmente corriam como queriam e paravam quando queriam. Logo, não era fácil saber quando a corrida chegaria ao seu fim. Após correr mais ou menos uma hora sem parar, todos já estavam bem secos. O Dodô então chamou a atenção do grupo.

— Acabou a corrida!

Todos se amontoaram ao redor dele, ofegantes, perguntando:

— Quem ganhou?

O Dodô só respondeu depois de pensar bastante, ficou sentado por um bom tempo pressionando a testa com um dedo (a mesma posição em que Shakespeare aparece nos retratos) enquanto todos esperavam em silêncio.

Finalmente, o Dodô anunciou a decisão.

— *Todo mundo* ganhou. E todo mundo vai ganhar um prêmio.

— Mas quem vai dar os prêmios? — perguntou o coral de pássaros e animais.

— Ué, *ela*, claro — disse o Dodô, com o dedo apontado para Alice.

A turma toda a rodeou em uma grande confusão:

— Prêmios! Prêmios!

Alice não tinha ideia do que fazer e, desesperada, tirou do bolso um pacote de jujubas (por sorte, protegido da água salgada) e o entregou como prêmio. Havia exatamente uma para cada corredor.

— Mas ela também merece receber um prêmio — disse o Camundongo.

— Com certeza — respondeu o Dodô, sério. — O que mais você tem no bolso?

— Só um dedal — ela disse, triste.

— Dê aqui — pediu o Dodô.

Então, amontoaram-se ao redor de Alice mais uma vez, enquanto o Dodô solenemente a presenteou com o dedal, dizendo:

— Suplicamos que você aceite este elegante dedal.

Assim que terminou o curto discurso, todos vibraram.

Alice achou aquilo bastante absurdo, mas eles pareciam levar tudo tão a sério que não ousou rir. Sem conseguir pensar em algo a dizer, ela simplesmente fez uma reverência e recebeu o dedal da maneira mais solene possível.

Era hora de comer as jujubas: foi barulhento e bagunçado, já que os pássaros grandes reclamavam de não conseguir saboreá-las, e os passarinhos engasgaram e precisaram de tapinhas nas costas. Todavia, isso chegou ao fim e eles se sentaram em roda outra vez, implorando para que o Camundongo contasse algo mais.

— Você me prometeu contar sua história, lembra? — ela disse. — E contar por que você odeia os G e os C... — acrescentou sussurrando, um pouco aflita para que ele não se ofendesse novamente.

— É triste e comprido! — disse o Camundongo, virando-se para Alice e suspirando.

— É comprido *mesmo* — falou, olhando espantada para o rabo do Camundongo. — Mas por que é triste?

E continuou desconcertada enquanto o Camundongo falava, de maneira que a versão que entendeu da história era mais ou menos assim:

— *Furioso, disse o cão ao roedor que encontrou no corredor:*

— *Agora é na Justiça! Vou processar você!*

Não tem vela nem choro, simbora lá pro

*Foro: desfrutar esta manhã de lazer
já que eu 'tô sem o que fazer.
Perguntou o Camundongo
preocupado: — Cadê meu
advogado? Cadê o juiz
e o júri? Já vi que
não compensa.
— O tribunal sou eu
— o vira-lata
respondeu.
— Serei o juiz
e o júri,
e se você
perder a
desavença,
morrer
será
sua
sen
ten
ça.*

— Você não está prestando atenção! — disse o Camundongo para Alice, bem sério. — No que está pensando?

— Desculpe-me — Alice respondeu, humildemente —, você já estava na quinta dobra do rabo, não é?

— *Não*, suanó cega! — respondeu o Camundongo, sério e ríspido.

— Um nó cego! — disse Alice.

Sempre pronta para mostrar-se útil, olhando tudo à sua volta ansiosamente, arriscou:

— Deixe-me ajudar a desatar!

— Maluca — disse o Camundongo, levantando-se e indo embora. — Você me insulta dizendo essas bobagens!

— Não era minha intenção — apelou a pobre Alice. — Mas você se ofende muito fácil, sabia?

O Camundongo respondeu com um resmungo.

— Por favor, volte e termine sua história! — ela pediu.

Todos se juntaram, em coro:

— Sim, por favor!

Mas o Camundongo apenas balançou a cabeça, impaciente, e apressou o passo.

— Que pena ele não ficar aqui! — suspirou o Periquito, assim que o Camundongo sumiu de vista.

Uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para ensinar à filha:

— É, querida... que isso lhe sirva de lição, para que você nunca perca a *sua* cabeça!

— Fica quieta, mãe! — disse a jovem Carangueja. — Até uma ostra perde a paciência com você!

— Eu queria que nossa Diná estivesse aqui, isso sim — Alice pensou alto. — Ela logo traria o Camundongo de volta!

— E quem é Diná, se me permite a pergunta? — disse o Periquito.

Alice respondeu com entusiasmo, pois estava sempre disposta a contar sobre seu bicho de estimação:

— Diná é a nossa gata. E ela é impossível caçando ratos! Ah, como eu queria que vocês pudessem vê-la correndo atrás dos passarinhos! Assim que ela vê um, já engole!

Essa fala causou uma comoção entre todos. Alguns dos pássaros fugiram no mesmo instante: uma velha Gralha deu uma desculpa esfarrapada e saiu:

— É hora de ir pra casa, o ar da noite não agrada minha garganta!

Com a voz trêmula, um Canário chamou seus filhotes:

— Vamos embora, meus pequenos! Vocês já deveriam estar na cama!

Cada um inventou algum motivo para ir embora, deixando Alice sozinha.

— Eu queria não ter mencionado a Diná! — disse para si mesma, melancólica. — Parece que ninguém gosta dela aqui embaixo. Eu tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Ai, Diná! Será que algum dia eu voltarei a ver você?

E Alice começou a chorar novamente. Ela sentia-se muito sozinha e jururu. Um tempinho depois, ouviu um caminhar à distância. Ficou ali torcendo, apreensiva, para que fosse o

Camundongo, para que ele tivesse mudado de opinião. Ela gostaria muito que ele retornasse para terminar a história.

BILL, A LAGARTIXA-BALA

Lá vinha o Coelho Branco, voltando vagarosamente, olhando para o chão como se tivesse perdido algo. Alice o ouviu resmungar:

— A Duquesa! A Duquesa! Ai, minhas patinhas queridas! Ai, meus pelos, meus bigodes! Ela vai me matar, certo como dez e dez são vinte. Onde será que eu *poderia* tê-los derrubado?

Alice em um instante adivinhou que ele buscava o leque e o par de luvas de pelica. Começou a procurar por pura boa vontade, mas eles não apareciam... tudo parecia ter mudado desde o mergulho na piscina, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, desaparecera completamente.

O Coelho Branco viu Alice, que procurava nos arredores, e a chamou com aspereza.

— Ué, Mariana, o *que* você está fazendo aqui fora? Vá para casa agora e me traga um par de luvas e um leque! Rápido, já!

De tão assustada, Alice saiu correndo na direção que o Coelho Branco apontou, sem ousar explicar o erro que ele havia cometido.

— Ele achou que eu fosse a empregada — disse consigo mesma enquanto corria. — Vai se surpreender quando descobrir quem eu sou. Será melhor levar as tais luvas e o tal leque... se eu conseguir encontrá-los, é claro.

No momento em que dizia isso, Alice se deparou com uma casinha bem cuidada, em cuja porta brilhava uma placa de latão

com o nome

“W. Coelho”. Entrou sem bater e correu escada acima, com o maior medo de esbarrar na verdadeira Mariana e ser expulsa antes de encontrar o leque e as luvas.

— Que estranho — ela disse — fazer o serviço de casa para um coelho! Aposto que a Diná será a próxima a me dar serviço!

E começou a fantasiar o tipo de coisa que aconteceria:
— Senhorita Alice! Venha cá neste momento, apronte-se para passear! — diria a gata.

— Já estou indo, senhora! Mas preciso cuidar para que o rato não fuja! — responderia Alice.

— Eu só não acho — Alice continuou — que eles deixariam a Diná viver em casa se ela começasse a mandar na gente desse jeito!

Então entrou em um quartinho bem organizado, com uma mesa sob a janela, na qual (como ela esperava) havia um leque e três pares de luvinhas de pelica. Pegou o que precisava e ia saindo quando seus olhos pousaram em uma garrafinha próxima ao espelho. Dessa vez, não havia nenhuma etiqueta dizendo *beba-me*; mas, mesmo assim, Alice a destampou e colocou na boca.

— Eu sei que *alguma coisa* interessante vai acontecer — disse consigo mesma. — É assim sempre que bebo ou como algo. Deixe-me ver o que essa garrafa faz. Espero que me faça crescer, já estou cansada de ser essa coisa minúscula!

Foi exatamente o que aconteceu, e bem mais cedo do que ela esperava: antes de chegar à metade da garrafa, sua cabeça já batia no teto, e Alice precisou se curvar para não quebrar o pescoço. Largou a garrafa com pressa, dizendo:

— Já é o bastante... espero não crescer mais... desse jeito eu já não passo na porta... queria não ter bebido tanto!

Era tarde demais! Alice crescia e crescia, começou a se ajoelhar e, no próximo minuto, nem isso era mais possível. Tentou se deitar com um cotovelo contra a porta e o outro braço dobrado sobre a cabeça. O crescimento continuou e, como última solução para não destruir a casinha, colocou o braço para fora da janela e encaixou o pé na chaminé.

— Mais que isso não dá pra fazer. O que será de mim? — ela disse.

Ainda bem que o efeito da garrafinha mágica já tinha se completado e Alice não cresceu mais. Tudo aquilo era muito desconfortável. Como não parecia haver nenhuma chance de sair daquele quartinho, ela se sentiu muito infeliz.

— Em casa era muito melhor — Alice pensou alto. — A gente não ficava crescendo ou diminuindo e não recebia ordem nem de rato nem de coelho. Não queria ter entrado na toca do coelho e mesmo assim... mesmo assim... é estranho, sabe, esse tipo de vida! O que *será* que aconteceu comigo? Eu lia contos de fadas e imaginava que aquele tipo de coisa nunca aconteceria. Agora estou aqui, enfiada nesse quartinho de casa de coelho! Deve existir um livro sobre mim, ô se deve! Quando eu crescer, escrevo um... mas agora eu já cresci — acrescentou, amargurada.

— Pelo menos *aqui* não tem mais para onde crescer. Mas daí — refletiu —, eu *nunca* vou ficar mais velha? Seria um consolo nunca ser uma mulher velha... mas assim, sempre terei lição a fazer... ah, *disso* eu não vou gostar!

— Alice, sua burra! — respondeu para si mesma. — Como você vai fazer lição aqui dentro? Não tem nem lugar para *você*, muito menos para um livro de lição de casa, não é?

E assim continuou, cada vez tomando um lado da conversa e produzindo um baita debate. Minutos depois, ouviu uma voz lá fora e parou para escutar.

— Mariana! Mariana! — dizia a voz. — Traga minhas luvas neste momento!

Passos subiam as escadas. Alice sabia que era o Coelho Branco à procura dela e, trêmula, fez a casa balançar, praticamente se esquecendo de que agora estava umas mil vezes maior que o Coelho e não tinha motivo para ter medo.

O Coelho Branco foi até a porta. Tentou abri-la, mas era impossível, pois a porta abria para dentro, e o cotovelo de Alice a pressionava no sentido oposto. A menina escutou-o dizendo para si mesmo:

— Então eu dou a volta e entro pela janela.

“*Isso* você não vai fazer”, pensou Alice.

Quando imaginou ter ouvido o Coelho Branco embaixo da janela, repentinamente esticou a mão, fazendo um movimento no ar. Não agarrou coisa alguma, mas ouviu um berro, uma queda e um vidro se quebrando. Com a barulheira, Alice concluiu que o Coelho tinha caído no meio da estufa de hortaliças ou algo assim.

Veio então a voz do Coelho Branco, cheia de raiva:

— Pat! Pat! Cadê você?

Depois, surgiu uma voz que ela nunca tinha ouvido:

— Com certeza estou aqui! Colhendo maçãs, meu senhor! — disse Pat.

— Colhendo maçãs, certo! — disse o Coelho Branco, estressado.
— Aqui! Venha me ajudar com *isso*!

(Mais barulho de vidro quebrando.)

— Diga-me, Pat, o que é aquilo na janela?

— Com certeza é um braço, meu senhor! — Pat pronunciava “sinhô”.

— Um braço, seu jumento? Desse tamanho? Enche a janela de tão grande!

— Com certeza, meu senhor. De qualquer jeito, é um braço — disse Pat.

— Bom, ali não há nada do interesse dele. Pegue-o e leve-o embora!

Houve um longo silêncio depois disso. Alice apenas ouvia um sussurro aqui e outro ali, como:

— Com certeza, meu senhor. Eu não gosto de jeito nenhum, nenhunzinho!

— Faça o que estou mandando, seu frouxo!

Alice novamente esticou a mão, fazendo um movimento em busca de algo. Dessa vez ouviu *dois* gritinhos e mais barulho de vidro quebrando.

“A estufa de pepinos deve ser das grandes!”, pensou Alice. “O que será que eles vão fazer? Só queria que fossem capazes de me puxar pela janela! *Eu* é que não quero ficar mais aqui!”

Aguardou um tempo sem escutar mais nada. Enfim veio um ruído de rodinhas de carroça e uma zoadá de vozes falando ao mesmo tempo. Ela decifrou algumas palavras:

— Cadê a outra escada...? Ué, eu só trouxe uma, a outra tá com o Bill... Ô Bill! Traz aqui, rapaz! Aqui ó, nesse canto... Não, primeiro amarra uma na outra... Ainda não chegou nem na metade da altura... Ah, já tá bom demais, não seja rabugento... Aqui, Bill! Segura a corda... Será que o teto aguenta...? Cuidado com a telha solta... Eita, tá caindo tudo! Olha a cabeça! (Estrondo de uma batida.)

— Ei, quem fez isso...? Acho que foi o Bill... Quem é que vai descer pela chaminé...? Ah, eu não! Vai *você*...! *Eu* é que não...! Então vai o Bill... Escuta, Bill! O mestre disse pra você descer pela chaminé!

— Eita! Então o Bill precisa descer pela chaminé? — Alice falou consigo mesma. — Poxa, eles parecem colocar tudo nas costas do pobre do Bill! Essa lareira é apertada, pra falar a verdade, mas acho que consigo dar um chutinho!

Ela abaixou o pé o mais que pôde na chaminé e aguardou. Até que escutou um pequeno bicho (não dava para adivinhar qual tipo era) se arranhando e se mexendo um pouco acima dela. Alice deduziu:

— É o Bill!

Deu-lhe uma bicuda e ficou esperando pra ver o que aconteceria.

A primeira coisa que escutou foi o pessoal fazendo coro:

— Caramba! Lá vai o Bill!

Junto veio um grito do Coelho Branco:

— Ei, você aí na cerca, agarre-o!

Então, silêncio; depois, outra zoadá:

— Segura a cabeça dele...! Alguém dê conhaque pra ele...! Não o deixem engasgar...! E aí, meu velho? Como foi...? O que aconteceu? Conta tudo pra gente!

Por fim, veio uma vozinha fraca e chiada.

— É a voz do Bill — pensou Alice.

— Olha, nem eu sei direito... não quero mais, obrigado, estou melhor... mas estou muito abalado pra contar a vocês... só sei que alguma coisa me arremessou feito um catapulta e eu saí voando igual a um foguete! — contou o nosso Bill.

— Você voou de verdade, camarada. Parecia uma bala de canhão — disseram os outros.

— Precisamos botar fogo nessa casa! — afirmou o Coelho Branco.

Alice, então, gritou o mais alto que pôde:

— Queimem e eu mando a Diná pegar vocês!

Houve um silêncio mortal.

“Quero ver o que vão fazer agora! Se tivessem algum juízo, arrancariam o teto”, pensou Alice.

Depois de um ou dois minutos, reiniciaram o rebuliço. Alice ouviu o Coelho Branco dizendo:

— Enchem um carrinho de mão, para começarmos.

“Encher com o *quê?*”, pensou Alice.

Mas não deu tempo de matutar: um banho de pedrinhas passou zunindo pela janela, algumas acertando-a no rosto.

— Preciso botar um fim nisso — afirmou.

E berrou:

— É melhor não fazerem isso de novo!

O grito produziu outro silêncio mortal.

Alice percebeu com surpresa que algumas das pedrinhas se transformavam em bolos assim que tocavam o chão. Ao ver essa transformação, uma ideia brilhante surgiu em sua mente:

— Se eu comer um desses bolinhos — refletiu Alice —, com certeza meu tamanho vai mudar *de algum jeito*. E como é impossível que eu cresça mais, acho que vão me deixar menor.

Engoliu um dos bolos e ficou muito alegre ao perceber que já estava diminuindo. Assim que estava pequena o bastante para passar pela porta, ela correu para fora da casa, onde uma tropa de animaizinhos e passarinhos a aguardava. A pobre lagartixa de nome Bill estava no meio da multidão, carregada por dois porquinhos-da-índia, que a abasteciam com o líquido de uma garrafa. Todos correram na direção de Alice quando ela apareceu. Assustada, a menina fugiu com toda a sua energia e logo estava segura, no meio da mata cerrada.

— A primeira coisa de que preciso — falou consigo mesma — é voltar para o meu tamanho normal. A segunda é encontrar o caminho daquele adorável jardim. Acho que esse é o melhor plano.

Parecia, sem dúvida, um ótimo plano, simples e organizado. A única dificuldade era que Alice não fazia a menor ideia de como

realizá-lo e, enquanto espreitava ansiosa entre as árvores, um latido penetrante sobre sua cabeça a fez olhar para cima de uma só vez.

Um enorme cachorro filhote a observava com grandes olhos redondos, debilmente esticando uma das patas para tocá-la.

— Pobrezinho! — ela disse, adulando o bichinho e tentando assobiar para ele.

Alice também estava apavorada pensando que o cachorrinho poderia estar faminto e, nesse caso, a engoliria apesar de qualquer afago.

Sem pensar exatamente no que fazia, ela pegou um graveto e o estendeu para o filhote. Imediatamente o cãozinho saltou latindo de felicidade e correu até o graveto como se se importasse com ele. Alice esquivou-se para trás de uma grande flor espinhosa, para evitar o atropelamento. Assim que apareceu do outro lado, o filhote veio atrás do graveto, trombando em tudo, feito um alucinado. Ela, esperando ser pisoteada a qualquer momento, girou o pauzinho novamente. O cão começou a dar investidas, recuando cada vez mais e latindo de um jeito rouco, sem parar. Depois ele se distanciou, ofegante, com a língua pendurada e os olhos semicerrados.

Alice viu nisso uma boa oportunidade de escapar. Fugiu imediatamente, correndo até perder o fôlego e o latido do filhote soar distante.

— Mas que lindo cachorrinho! — ela disse, enquanto se encostava em uma florzinha amarela para descansar, abanando-se com uma das pétalas. — Eu adoraria ter ensinado algumas brincadeiras a ele se... se eu apenas tivesse o tamanho certo pra isso.

Poxa vida! Eu quase esqueci que preciso crescer de volta! Mas como é que vou conseguir isso? Acho que preciso comer ou beber alguma coisa, mas a grande pergunta é: o quê?

A grande questão certamente era “o quê?”. Alice buscou entre as flores e o gramado, mas não viu nada que parecesse comestível ou potável. Um cogumelo enorme florescia ali perto, mais ou menos do mesmo tamanho dela. Alice procurou embaixo do cogumelo, dos lados, atrás e no topo dele.

Esticou-se na ponta dos pés para espiar sobre a copa do cogumelo. Nesse momento, ela percebeu uma grande taturana: sentada no topo com os braços cruzados. Fumava um narguilé bem quietinha, sem dar atenção alguma para Alice nem a qualquer outra coisa.

CONSELHOS DE UMA TATURANA

A Taturana e Alice se observaram em silêncio por um tempo. Enfim, ela tirou o narguilé da boca e se dirigiu à menina com uma voz frouxa e sonolenta.

— Quem é *você*? — perguntou.

Não era um início encorajador para uma conversa. Alice respondeu bem envergonhada:

— Eu... eu nem sei direito, agora... eu... pelo menos eu sei quem eu *era* quando acordei, mas acho que desde então já fui trocada várias vezes.

— O que você quer dizer com isso? — questionou a Taturana, severa. — Explique-se!

— Não consigo *me* explicar — respondeu Alice. — Porque eu não sou eu mesma, percebe?

— Não — disse a Taturana.

— Pior que não consigo dizer com mais clareza — afirmou Alice, de maneira muito educada. — Porque, para começar, eu mesma não entendo. Ter tantos tamanhos no mesmo dia é muito confuso.

— Não é não — retrucou a Taturana.

— Pode ser que você ainda não perceba; mas, quando se tornar uma crisálida, e isso vai acontecer algum dia, você sabe... depois,

talvez, uma borboleta... imagino que você se sentirá estranha também, não é?

— Nem um pouco — respondeu a Taturana.

— Talvez seus *sentimentos* sejam diferentes — ela disse. — O que eu sei é: *para mim* seria muito esquisito.

— Para você! — observou a Taturana, com desdém. — Quem é *você*?

A pergunta levou tudo de volta para o início da prosa. Alice ficou irritada com o jeito de a Taturana falar, sempre de maneira *tão breve*. Por isso, ela encheu o peito para dizer, muito séria:

— *Você* é que precisa me dizer quem é, primeiro.

— Por quê? — perguntou a Taturana.

Mais uma pergunta enigmática. Como Alice não conseguiu pensar em nenhuma boa resposta, e a Taturana parecia estar em um estado de espírito *bem* desagradável, a menina foi embora.

— Volte aqui! — chamou a Taturana. — Tenho algo importante para dizer!

Isso certamente soou promissor, então Alice voltou.

— Segura sua onda — aconselhou a Taturana.

— É só isso? — perguntou Alice, engolindo a raiva como podia.

— Não — respondeu a Taturana.

Alice pensou que poderia esperar, já que não tinha mais nada a fazer, e depois talvez viesse algo que valesse a pena escutar. Por alguns minutos, a Taturana bafou fumaça sem falar nada. Depois, descruzou os braços, tirou o narguilé da boca outra vez e disse.

— Então você acha que está mudada, né?

— Pior que sim — ela respondeu. — Eu não consigo me lembrar das coisas como costumava... e não fico do mesmo tamanho nem por dez minutos!

— Não se lembra de *quais* coisas? — perguntou a Taturana.

— Olha, eu tentei cantar a música da abelhinha ocupada e saiu tudo diferente! — explicou Alice, com a voz melancólica.

— Repita o *“Já tá velho, seu Guilherme”* — ordenou a Taturana.

Alice cruzou os braços e começou:

— *“Já tá velho, seu Guilherme”, o moleque falou.*

“Seu cabelo era castanho e agora branqueou;

Plantando bananeira, tão velhinho assim,

‘Cê não acha, seu Guilherme, que isso pode dar ruim?’”

“No meu tempo, meu filho”, o vovô respondeu,

“Eu temia acabar de miolo mole;

Pois agora, que esse velhinho aqui já endoideceu,

Não tô nem aí para esse bole-bole.”

“Cê tá velho, seu Guilherme”, o jovem repetiu.

“E esse bucho, seu Guilherme, que parece um barril;

Virando cambalhota, dando salto mortal?

Pra quê isso, seu Guilherme? Não me leve a mal.”

“No meu tempo, meu filho”, falou com sabedoria,

“Cada membro do meu corpo era pura agilidade;

*Eu passava um negócio, lá da venda da Luzia,
Quer testar? Te dou a dica: se chamava Merthiolate.”*

*“Mas ‘cê tá velho, seu Guilherme”, o moço não calava a boca.
Não sobrou dente nenhum, só mastiga se for sopa;
No dia da galinhada, ficou chupando tutano.
Deve ser ruim, não é, meu velho, só comer se for sugando?”*

*“No meu tempo, meu filho”, disse a velha raposa,
“Bastava chegar em casa pra algazarra começar.
E depois de tanta intriga e debates com minha esposa,
Eu fiquei foi reforçado, pois exercitei meu maxilar.”*

*“Cê tá velho, seu Guilherme”, o menino insistia.
Seu olho é só catarata, astigmatismo e miopia;
Ainda assim equilibra um muçum na ponta do nariz,
Como pode ser tão ligeiro, esse velhote infeliz?”*

*“Dá um tempo, meu filho”, disse o velho ao adolescente.
“Vê se troca esse farrapo e corta essa cabeleira;
Escutar tanta besteira já cansou a minha mente.
Sai fora, moleque chato, ou te empurro na ladeira!”*

— Falou tudo errado — observou a Taturana.

— Não está *muito* certo mesmo — ela aceitou, toda tímida. —
Acho que troquei algumas palavras.

— Errado do início ao fim — disse a Taturana, categórica.

Houve silêncio durante alguns minutos. A Taturana foi a primeira a falar:

— Você quer ser de qual tamanho? — perguntou.

— Ah, meu problema não é o tamanho — Alice respondeu. — Só não quero ficar mudando toda hora, percebe?

— Não — disse a Taturana.

Alice não falou nada. Ela nunca havia sido tão contrariada na vida. Sentiu que não estava mais segurando sua onda.

— Está satisfeita agora? — perguntou a Taturana.

— Bem, eu gostaria de ficar *um pouquinho* maior, se não for incômodo — ela disse. — Sete centímetros é um tamanhozinho desgraçado.

— É uma bela altura! — disse a Taturana, brava, levantando-se enquanto falava (ela tinha exatamente sete centímetros).

— Mas eu não estou acostumada a isso! — defendeu-se a pobre Alice, em um tom comovente. E pensou consigo mesma: “Queria que essas criaturas não se ofendessem tão fácil!”.

— Você se acostuma depois de um tempo — disse a Taturana, recolocando o narguilé na boca e voltando a fumar.

Desta vez Alice esperou com paciência até que decidisse falar outra vez. Depois de um ou dois minutos, a Taturana tirou o narguilé da boca, bocejou algumas vezes e estremeceu-se. Então, desceu do cogumelo e começou a caminhar mato adentro, após falar a seguinte frase:

— Um lado lhe fará crescer; o outro, diminuir.

“Um lado do *quê*? Outro lado do *quê*?”, Alice pensou consigo mesma.

— Do cogumelo — respondeu a Taturana, como se a tivesse escutado falar.

Depois disso, simplesmente sumiu.

Alice permaneceu pensativa, observando o cogumelo e tentando decifrar quais eram os dois lados. Afinal, ele era perfeitamente redondo. A questão não era nada fácil. Enfim, esticou seus braços ao redor do cogumelo e arrancou um pedacinho com cada mão.

— Agora qual é qual? — perguntou a si mesma.

Mordiscou um pouco do que estava na mão direita para testar o efeito: logo sentiu uma pancada violenta. Seu queixo bateu com tudo no próprio pé!

Bastante assustada com a mudança repentina e sem tempo a perder, pois encolhia muito rapidamente, tratou logo de comer o outro pedaço. Seu queixo estava tão próximo do pé que quase não havia espaço para abrir a boca. Mas ela conseguiu, no fim das contas, e engoliu um bocado do pedaço que estava na mão esquerda.

* * * * *

— Caramba, minha cabeça está livre, até que enfim! — ela disse.

A voz contente se tornou apreensiva no instante em que ela não encontrou mais seus ombros: tudo o que podia ver, ao olhar para baixo, era um pescoço de comprimento gigantesco. Parecia se erguer como um caule no mar de folhas verdes daquele chão distante.

— O que *será* toda essa coisa verde? — perguntou Alice. — E *cadê* meus ombros? Coitadas das minhas mãos, como é que vou enxergá-las?

Ela se mexia enquanto falava, mas não havia resultado além das folhas se balançando lá embaixo.

Como parecia não ter jeito de levantar as mãos até a cabeça, ela tentou baixá-la até as mãos, e se maravilhou ao descobrir que seu pescoço dobrava facilmente em qualquer direção, feito uma serpente. Alice conseguiu curvá-lo em um gracioso ziguezague e estava prestes a mergulhar entre as folhas, que descobriu serem, de fato, a copa das árvores sob as quais havia passeado antes. Foi quando um assobio penetrante a fez se endireitar de volta: um pombo enorme voou na direção do seu rosto, batendo as asas violentamente contra Alice.

— Serpente! — gritou o Pombo.

— Eu não sou serpente! — ela afirmou indignada. — Me deixa em paz!

— Serpente, sim! — repetiu o Pombo, em um tom mais moderado.

E acrescentou, como num soluço:

— Tentei de todo jeito, mas elas não aprendem!

— Eu sei lá do que você está falando — ela disse.

— Tentei as raízes das árvores, tentei nos bancos, nas cercas — continuou o Pombo, sem ligar para Alice. — Mas essas serpentes! Nunca se contentam!

Alice ficou ainda mais confusa, mas achou melhor não dizer nada

antes de o Pombo terminar.

— Como se não bastasse cuidar de meus ovos — reclamou. — Preciso ficar atento, manter guarda e vigiar essas serpentes noite e dia! Faz três semanas que não durmo nem pelo tempo de um piscar de olhos!

— Eu sinto muito pelo incômodo — disse, começando a compreendê-lo.

— Logo agora que eu cheguei à árvore mais alta do bosque — continuou o Pombo, com a voz esganiçada de tão alta —, pensando que iria enfim me livrar, surge uma delas se contorcendo lá do céu! Sai fora, Serpente!

— Mas eu *não sou* uma serpente, estou dizendo! Eu sou uma... Sou uma...

— Certo! O *que* você é? — disse o Pombo. — Dá pra ver que você está tentando inventar alguma coisa!

— Eu... sou uma menina — ela disse, com bastante dúvida após lembrar-se do número de mudanças que tinha sofrido durante aquele dia.

— Uma história bem provável! — disse o Pombo, com o mais profundo desdém. — Eu vi um monte de meninas na vida, mas nenhuma sequer com um pescoço desses! Nananinã! Você é uma serpente, não adianta negar. Aposto que vai me contar que nunca experimentou um ovo!

— Já *experimentei* ovo, com certeza — Alice falou, pois era uma criança bem verdadeira. — Mas meninas, tanto quanto serpentes, comem ovos, você sabe muito bem disso.

— Não acredito — disse o Pombo. — Então, se elas comem, também são um tipo de serpente, é tudo o que lhe digo.

Essa ideia era tão nova para Alice que ela se calou durante alguns minutos, o que possibilitou ao Pombo acrescentar o seguinte:

— Você está procurando ovos, eu sei *muito bem* disso. O que importa se você é menina ou serpente?

— Importa bastante — respondeu Alice, no mesmo segundo. — Mas não estou procurando ovos e, se estivesse, não seriam os *seus*. Eu não gosto de ovo cru.

— Então, sai fora! — exclamou o Pombo, aborrecido enquanto voltava para seu ninho.

Alice engatinhava como podia entre as árvores. Seu pescoço se enroscava nos galhos, e a toda hora era preciso se desenroscar. Logo ela lembrou que ainda carregava pedaços de cogumelo e voltou ao trabalho com muito cuidado, mordiscando primeiro um e depois o outro, crescendo às vezes e diminuindo noutras, até que conseguiu voltar à sua estatura normal.

Fazia tanto tempo que não estava do tamanho certo que tudo pareceu bem esquisito no começo. Ela só se habituou minutos depois e, como de costume, começou a falar sozinha:

— Metade do plano já deu certo! Nossa! Que esquisitice todas essas mudanças! Eu nunca sei o que vou virar de uma hora pra outra! Agora que já voltei ao meu tamanho certo, só falta entrar naquele lindo jardim... como é que eu faço isso?

Enquanto falava, Alice repentinamente se deparou com um espaço aberto, com uma casinha de mais ou menos um metro de altura.

“Qualquer um que more aqui”, pensou Alice, “não ficaria nada feliz de encontrar alguém desse *meu* tamanho. Ficaria aterrorizado!”

Então, mordiscou novamente um pouco do que tinha na mão direita e não se aventurou a se aproximar da casa antes de chegar aos vinte centímetros de altura.

PORCA E PIMENTA

Por um ou dois minutos ela observou a casa, pensando no que fazer. De repente, um criado de uniforme surgiu correndo do bosque e bateu bem forte à porta com os nós dos dedos (Alice julgou ser um criado, porque vestia uniforme, caso contrário, julgando apenas por seu rosto, teria achado que era um peixe). Outro criado uniformizado abriu a porta. Tinha uma cara redonda e os olhos grandes de sapo. Alice notou que ambos usavam perucas com cabelos cheios de pó que se encaracolavam em torno da cabeça. Ela sentiu uma grande curiosidade de saber qual seria o assunto deles e rastejou pelo bosque para escutá-los.

O Peixe-Criado começou por mostrar uma carta enorme, praticamente do tamanho dele, e entregou-a para o outro, dizendo solenemente:

— Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croqué — disse.

O Sapo-Criado repetiu no mesmo tom solene, mas mudando um pouco a ordem das palavras:

— Da Rainha. Um convite para a Duquesa para jogar croqué.

Ambos se inclinaram tanto em uma medida que seus cachos se enroscaram.

Alice riu muito. Teve de correr de volta para o bosque para não ser ouvida. Assim que espiou de novo, o Peixe-Criado já havia

partido e o outro estava sentado no chão perto da porta, olhando para o céu feito bobo.

Ela caminhou timidamente até a porta e bateu.

— Você não precisa bater por dois motivos — disse o Criado. — Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque eles estão fazendo tanto barulho lá dentro que não há a menor chance de alguém ouvir.

Realmente a barulheira era espantosa. Berros e espirros sem parar. Toda hora ouvia-se algum estrondo, como se uma travessa ou bule de louça tivesse se despedaçado no chão.

— Por favor, então — ela disse. — Como poderei entrar?

— Faria algum sentido bater na porta se a porta estivesse entre nós — o Criado continuou sem dar atenção a ela. — Por exemplo: se você estivesse *dentro* e batesse, eu a deixaria sair, entende?

O Criado permanecia olhando para o céu enquanto falava, o que Alice achou uma grosseria.

— Mas talvez ele não possa fazer nada — disse baixinho consigo mesma. — Os olhos dele ficam *muito* perto do cocuruto. De qualquer maneira, talvez responda a algumas perguntas... Como eu faço pra entrar? — repetiu, mais alto.

— Ficarei sentado daqui — afirmou o Criado — até amanhã...

Nesse instante, a porta se abriu e uma bandeja girou em direção à cabeça do Criado: passou raspando pelo nariz e se despedaçou contra uma das árvores em frente à casa.

— Ou talvez até depois de amanhã... — continuou no mesmo tom de voz, como se absolutamente nada tivesse acontecido.

— Como farei pra entrar? — Alice perguntou de novo, ainda mais alto.

— Você *realmente precisa* entrar? — disse o Criado. — Essa é a primeira questão, entende?

Era mesmo, sem dúvida. Mas Alice não gostou do conselho.

— É horrível o jeito como essas criaturas discutem — resmungou consigo mesma. — Deixa qualquer pessoa louca!

O Criado pareceu ver aí uma boa oportunidade de repetir sua afirmação, com variações.

— Sentarei aqui — ele disse — por dias e dias.

— Mas e *eu*, vou fazer o quê? — ela perguntou.

— O que quiser — respondeu o Criado e começou a assobiar.

— Ah, não adianta falar com ele — ela disse, desesperada. — É um perfeito idiota!

Alice abriu a porta e entrou.

Foi parar em uma grande cozinha toda enfumaçada: a Duquesa estava sentada ao centro em um banco de três pés cuidando de uma bebê; a cozinheira, inclinada sobre o fogo, mexia um caldeirão aparentemente cheio de sopa.

— Essa sopa está com pimenta demais! — Alice concluiu, pois não parava de espirrar.

Havia muita pimenta no ar. Até a Duquesa espirrou algumas vezes; a criança não parava de espirrar e berrar, alternadamente. As únicas coisas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um enorme gato sentado sobre o forno, com um sorriso arreganhado de orelha a orelha.

— Com licença, você poderia me dizer por que seu gato sorri desse jeito? — Alice perguntou, um pouco envergonhada por não ter certeza se demonstrava bons modos ao falar primeiro.

— É um Gato de Sorriso — disse a Duquesa. — Por isso. Porca!

A última palavra foi dita com tanta violência que Alice até saltou. No momento seguinte, a menina percebeu que o grito era para a bebê, não para ela, então tomou coragem e continuou:

— Não sabia que os gatos lá da cidade de Sorriso sempre sorriem. Na verdade, eu não sabia que os gatos eram capazes de sorrir.

— Todos conseguem — respondeu a Duquesa. — E a maioria sorri.

— Não conheço nenhum gato que ri — Alice disse de maneira muito educada, sentindo-se contente de ter começado a conversar.

— Você não sabe de nada — afirmou a Duquesa. — Essa é a verdade.

Alice não gostou do tom dessa afirmação, por isso, tentou introduzir outro assunto na conversa. Enquanto pensava no que falar, a Cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e começou a jogar tudo que estava ao seu alcance na Duquesa e na bebê... primeiro vieram os ferros em brasa e então uma onda de panelas, bandejas e louças. A Duquesa não se dava conta nem quando os objetos a atingiam. Por sua vez, a bebê já berrava tão alto antes dos disparos que era impossível saber se eles a machucavam ou não.

— Ei, presta atenção no serviço, *por favor!* — gritou Alice, pulando de tanta agonia e terror. — Ai, lá vai o *precioso* narizinho

dela — reclamou, quando uma panela maior que de costume passou voando.

— Se cada um cuidasse da própria vida — rosnou a Duquesa —, o mundo giraria bem mais depressa.

— O que *não* seria uma vantagem — respondeu Alice, satisfeita pela possibilidade de mostrar um pouco do que sabia. — Só imagine o que aconteceria com o dia e a noite! Você sabe que a Terra demora vinte e quatro horas para realizar o movimento de revolução...

— Falou de revolução! — disse a Duquesa. — Cortem-lhe a cabeça!

Alice olhou com preocupação para a Cozinheira, checando se ela cumpriria as ordens. Porém, encontrou-a ocupada demais mexendo a sopa, nem pareceu ouvir. Então, lá foi Alice de novo:

— Vinte e quatro horas, eu *acho*. Ou seriam doze? Eu...

— Ah, não enche! — disse a Duquesa. — Nunca suportei números!

E voltou a cuidar da criança, cantando uma espécie de canção de ninar e chacoalhando a nenê ao fim de cada verso:

— *Fala grosso com o nenê,
Dá cascudos na cabeça:
Ele só quer te aborrecer,
Não deixe que isso aconteça.*

Refrão (com participação da Cozinheira e do bebê):

— *Uá, uá, uá!*

Enquanto cantava a segunda estrofe, a Duquesa jogava a bebê para cima e para baixo, com violência, e a pobrezinha berrava tanto que Alice nem conseguia ouvir a música:

— *Dou soco no meu bacuri,
Se espirrar, aguenta;
Assim eu faço ele engolir
Um quilo de pimenta.*

Refrão:

— *Uá, uá, uá!*

— Toma, já que você gosta tanto dela, então cuida — disse a Duquesa para Alice, arremessando a bebê. — Preciso me arrumar para jogar croqué com a Rainha. — E deixou a cozinha, apressada.

A Cozinheira atirou uma frigideira nela, mas errou o alvo.

Alice agarrou a bebê com um pouco de dificuldade, pois a criaturazinha tinha um formato esquisito, com braços e pernas espichados para tudo quanto era lado.

“Parece uma estrela-do-mar”, pensou Alice.

A coitadinha bufava igual a uma máquina a vapor, não parava de se dobrar e voltar a se endireitar, tanto que segurá-la foi tudo que Alice conseguiu fazer nos primeiros minutos.

Assim que descobriu a maneira certa de embalar a bebê, isto é, amarrando-a em uma espécie de nó e agarrando com força a orelha direita e o pé esquerdo, para que não se soltasse, ela a levou para o ar livre.

“Se não levar a criança comigo”, Alice pensou, “ela vai morrer logo. Abandoná-la seria o mesmo que um assassinato.”

Disse alto as últimas palavras e a coisinha grunhiu em resposta (já não espirrava mais).

— Sem grunhir — ela disse —, não é o jeito apropriado de se expressar.

A nenê resmungou de novo. Alice olhou bem fundo em seu rosto para ver qual era o problema. A coisinha tinha, sem dúvida, um nariz *muito* virado para cima, bem mais parecido com um focinho do que com um nariz. Além disso, os olhos eram extremamente pequenos, mesmo para um recém-nascido. Definitivamente, Alice não gostou muito da aparência da coisa.

“Talvez ela só estivesse soluçando”, pensou.

Olhou fundo nos olhos da criatura para checar se havia lágrimas.

E não havia lágrima nenhuma.

— Querida, assim você vai se transformar em uma porca — ela disse, séria. — Se isso acontecer, não quero ter mais nada que ver com você. Fique atenta!

A coisinha chorou de novo, ou grunhiu, era difícil saber, e as duas seguiram em silêncio.

Alice começou a dizer para si:

— O que eu vou fazer com essa criatura quando chegar em casa?

A coisa grunhiu de novo, com tanta violência que Alice olhou alarmada. Desta vez *não* tinha erro: não era nem mais nem menos que uma porquinha. Nesse momento, pareceu absurdo continuar carregando-a.

Ela largou o bichinho no chão. Sentiu um grande alívio ao vê-la correr bem quietinha em direção ao bosque.

— Seria uma criança horrorosa — disse consigo mesma. — Mas até que é uma porquinha linda.

E começou a se recordar de outras crianças que conheceu e que dariam ótimos porcos, pensando alto:

— Se a gente soubesse o jeito de transformá-los...

Foi quando se assustou levemente ao ver o Gato de Sorriso sentado no galho de uma árvore a alguns metros dali.

O Gato apenas sorriu ao ver Alice. Parecia bem-intencionado, ela pensou. Além disso, tinha patas *bem* longas e um montão de dentes, o que a fez sentir que ele deveria ser tratado de maneira respeitosa.

— Gatinho de Sorriso — começou, bem tímida, pois não tinha ideia de como ele gostaria de ser chamado.

O Gato apenas arreganhou ainda mais o sorriso.

— Ufa, até aqui tudo bem — comentou Alice. — Você poderia me dizer, por favor, para qual lado devo seguir?

— Isso depende bastante de aonde você quer chegar — respondeu o Gato.

— O lugar não me importa... — disse ela.

— Então também não importa para qual lado você vai — afirmou o Gato.

— Só me importa chegar a *algum lugar* — Alice se explicou.

— Você vai chegar a algum lugar — decretou o Gato. — Para isso basta caminhar.

Alice percebeu que, realmente, isso era inegável, então tentou outra pergunta:

— Que tipo de gente mora por aqui?

— *Naquela* direção — apontou o Gato, acenando com a pata direita — mora um Chapeleiro. E *naquela* direção — afirmou acenando com a outra pata — mora uma Lebre de Março. Você pode visitar qualquer um dos dois, pois ambos são completamente malucos.

— Mas eu não quero me envolver com gente maluca — disse ela.

— Ah, mas então não tem jeito — falou o Gato. — Aqui todo mundo é maluco. Eu sou maluco. Você é maluca.

— Como você sabe que eu sou maluca?

— Deve ser — respondeu o Gato. — Do contrário, não teria vindo até aqui.

Para Alice, isso não provava absolutamente nada. No entanto, continuou:

— E como você sabe que é maluco?

— Simples — disse o Gato. — Cachorros não são malucos, certo?

— Não, não são — ela concordou.

— Pois então — continuou o Gato —, um cachorro late quando está nervoso e balança o rabo quando satisfeito. *Eu*, por minha vez,

balanço o rabo quando estou nervoso e lato quando estou satisfeito. Logo, sou maluco.

— *Eu* chamo de miar, não de latir — ela falou.

— Chame como quiser — respondeu o Gato. — Você jogará croqué com a Rainha hoje?

— Eu adoraria, mas não fui convidada.

— Nos vemos lá — disse o Gato e desapareceu.

Alice não estava surpresa: já havia se acostumado com um monte de coisa esquisita. Enquanto olhava para o lugar onde estava o Gato, ele reapareceu do nada.

— O que aconteceu com a bebê? — indagou o Gato. — Quase me esqueci de perguntar.

— Virou um porco — ela respondeu, tranquila, como se fosse completamente normal o Gato ressurgir do nada.

— Já imaginava — disse o Gato e desapareceu novamente.

Alice vacilou um pouco, meio esperançosa de que ele retornasse. Como isso não aconteceu, ela seguiu na direção da casa da Lebre de Março.

— Já vi chapeleiros antes — comentou consigo. — A Lebre de Março vai ser mais interessante. E, como estamos em maio, ela talvez não esteja muito louca... pelo menos não tão louca quanto em março.

Ao dizer isso, avistou novamente o Gato de Sorriso, sentado em um galho de árvore.

— Você disse porco ou corpo? — perguntou o Gato.

— Disse porco — ela respondeu. — E gostaria que você não ficasse aparecendo e desaparecendo assim: deixa a gente zonha.

— Tudo bem — falou o Gato.

Desta vez, ele desapareceu bem devagar. Primeiro a ponta do rabo, por último o sorriso, que permaneceu um tempo depois que o resto já tinha ido embora.

“Eita! Eu já vi gato sem sorriso”, pensou Alice. “Mas sorriso sem gato é a primeira vez!”

Ela não precisou caminhar muito para encontrar a casa da Lebre de Março, a qual tinha as chaminés em formato de orelhas e o teto coberto de pelos.

Era tão grande que só se aproximou depois de mordiscar um pouco mais do pedaço de cogumelo da mão esquerda, até ficar com uns sessenta centímetros: mesmo assim, caminhou até lá bem tímida, dizendo para si mesma:

— Essa Lebre de Março deve ser muito louca! Acho que eu deveria ter ido encontrar o Chapeleiro.

UM CHÁ DAS CINCO MUITO LOUCO

Havia uma mesa posta debaixo de uma árvore, em frente à casa. A Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá: uma preguiça dormia entre eles em sono profundo. Os dois a usavam como almofada e descansavam seus cotovelos nela enquanto falavam por cima de sua cabeça.

“Muito desconfortável para a Preguiça”, Alice pensou. “Pelo menos está dormindo. Acho que não se importa.”

A mesa era grande, mas, mesmo assim, os três se amontoavam em um canto.

— Não tem espaço! Não tem espaço! — gritaram ao ver Alice se aproximar.

— Tem *bastante* espaço! — ela disse, indignada, e se sentou em uma grande poltrona em uma das pontas da mesa.

— Beba um pouco de vinho — a Lebre de Março falou, encorajando-a.

Alice olhou ao redor da mesa, mas só havia chá.

— Não vejo vinho nenhum.

— Não tem mesmo — confirmou a Lebre de Março.

— Então não foi muito elegante oferecer — ela respondeu, injuriada.

— Também não foi muito elegante sentar-se sem ter sido convidada — retrucou a Lebre de Março.

— Não sabia que esta era a *sua* mesa — a menina falou. — Está posta para muito mais de três pessoas.

— Seu cabelo está pedindo para ser cortado — observou o Chapeleiro em seu primeiro pronunciamento, após algum tempo olhando Alice com muita curiosidade.

— Você deveria aprender a não fazer comentários pessoais — ela afirmou, severa. — É muita falta de educação.

O Chapeleiro abriu bem os olhos ao ouvir isso e disse:

— Por que um corvo é igual a uma escrivantina?

“Eba, agora a gente vai se divertir!”, Alice pensou.

— Que legal que começaram a fazer charadas... Acho que consigo adivinhar essa — ela respondeu.

— Quer dizer que acha que consegue descobrir a resposta? — perguntou a Lebre de Março.

— Exatamente isso — respondeu Alice.

— Então fale — continuou a Lebre.

— Eu vou... pelo menos... pelo menos eu digo o que quero falar... é a mesma coisa, percebe? — declarou Alice.

— Não é nem um pouco a mesma coisa! — opinou o Chapeleiro. — É como se você dissesse que “eu vejo o que como” é o mesmo que “eu como o que vejo”!

— É como se você dissesse — acrescentou a Lebre de Março — “eu gosto do que tenho” é o mesmo que “eu tenho o que gosto”.

— É como se você dissesse — afirmou a Preguiça, que parecia falar enquanto dormia — que “eu respiro quando durmo” é o mesmo que “eu durmo quando respiro”.

— É o mesmo que você — disse o Chapeleiro. E todos ficaram em silêncio por um minuto, enquanto Alice pensava em tudo o que sabia sobre corvos e escrivainhas (não era muita coisa).

O Chapeleiro quebrou o silêncio:

— Estamos em qual dia do mês? — indagou, voltando-se para Alice.

Ele havia tirado do bolso um relógio e o observava, inquieto, sacudindo-o a todo o momento e segurando-o perto do ouvido.

Alice refletiu um pouco, então disse:

— Dia quatro.

— Errou por dois dias! — suspirou o Chapeleiro. — Eu disse que a manteiga não consertaria o maquinário! — acrescentou, olhando com irritação para a Lebre de Março.

— Era manteiga *de primeira* — respondeu a Lebre humildemente.

— Sim, mas deve ter entrado um pouco de migalha junto — o Chapeleiro resmungou. — Você não deveria ter passado a manteiga com a faca do pão.

A Lebre de Março pegou o relógio e o observou com arrependimento. Então, mergulhou-o em sua xícara de chá para observá-lo novamente. Não conseguiu pensar em nada melhor que seu primeiro comentário:

— Era manteiga *de primeira*.

Alice fitava sobre os ombros da Lebre com curiosidade.

— Que relógio engraçado! — ela disse. — Diz o dia do mês, mas não as horas!

— E por que deveria? — o Chapeleiro perguntou. — O *seu* relógio diz em qual ano estamos?

— Óbvio que não — Alice respondeu prontamente. — Mas é assim porque permanecemos no mesmo ano por um tempão.

— Exatamente o mesmo caso do *meu* — disse o Chapeleiro.

Alice se sentiu terrivelmente embaralhada. O comentário do Chapeleiro não fazia sentido nenhum, apesar de as palavras serem conhecidas.

— Eu não entendi bem — ela disse, o mais educadamente possível.

— A Preguiça adormeceu novamente — o Chapeleiro observou, enquanto servia um pouco de chá diretamente no nariz da dorminhoca.

A Preguiça sacudiu a cabeça com impaciência e disse, abrindo os olhos:

— Óbvio, óbvio. Eu ia dizer exatamente isso.

— Já adivinhou a charada? — perguntou o Chapeleiro, voltando-se para Alice outra vez.

— Não, eu desisto. Qual é a resposta?

— Não faço a menor ideia — o Chapeleiro respondeu.

— Nem eu — disse a Lebre de Março.

Alice suspirou.

— Vocês deveriam usar melhor o tempo — ela afirmou. — Por que desperdiçá-lo perguntando charadas sem respostas?

— Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu — o Chapeleiro acrescentou —, não falaria em desperdício.

— Não entendi — ela disse.

— É claro que não! — concordou o Chapeleiro, baixando a cabeça com resignação. — Aposto que você nunca falou com ele!

— Talvez não — ela respondeu, cuidadosa. — Mas sei que preciso marcar o tempo na aula de música.

— Ah, agora entendi tudo — o Chapeleiro declarou. — O Tempo odeia marcação. Porém, se vocês estiverem bem um com o outro não há nada que ele não faça para te agradar. Por exemplo, imagine que são oito da manhã, hora de começar a aula: bastaria sussurrar no ouvido do Tempo para que o relógio girasse em um piscar de olhos! Meio-dia, hora do rango!

(— Bem que eu gostaria — a Lebre de Março disse baixinho.)

— Isso seria magnífico — ela afirmou, pensativa. — O problema é que eu não estaria com fome, percebe?

— Talvez não no começo — disse o Chapeleiro. — Mas você poderia continuar em uma e meia da tarde pelo tempo que quisesse.

— É assim que *você* faz? — Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça em um lamento:

— Eu não! — respondeu. — Eu briguei com o Tempo em março passado... foi antes da *Lebre* ficar maluca, sabe... — E apontou sua colher de chá para ela. — Foi no grande espetáculo da Rainha de Espadas, em que eu tive de cantar:

Brilha, brilha, morceguinho!

Quero ver você brilhar!

— Conhece essa música? — perguntou a Alice.

— Já ouvi uma parecida — ela respondeu.

— Continua, sabe — prosseguiu o Chapeleiro. — Assim:

Voa, voa sem parar,

Feito a bandeja do chá.

Brilha, brilha...

A Preguiça se agitou e começou a cantar enquanto dormia:

— Brilha, brilha... Brilha, brilha...

E continuou por tanto tempo que foi preciso um beliscão para calá-la.

— Então, eu mal havia acabado a primeira estrofe — o Chapeleiro contou —, quando a Rainha se levantou para me condenar: “Ele está matando o Tempo! Cortem-lhe a cabeça!”.

— Que selvageria horrorosa! — exclamou Alice.

— E desde então — o Chapeleiro continuou, todo jururu —, o Tempo não faz nada que eu peço! Agora, são sempre cinco horas.

Uma brilhante ideia surgiu na cabeça de Alice:

— Por isso esse monte de chaleiras e xícaras? — perguntou.

— Sim — suspirou o Chapeleiro. — Desde aquele dia, é sempre hora do chá, a gente não tem tempo nem de lavar as coisas.

— Então vocês vão de cadeira em cadeira, imagino? — disse ela.

— Exato. Conforme as coisas vão sendo usadas — respondeu o Chapeleiro.

— Mas o que acontece quando vocês voltam ao começo? — Alice se aventurou a questionar.

— Vamos mudar de assunto — a Lebre de Março interrompeu, após um bocejo. — Já me cansei disso. Eu voto para que a senhorita nos conte uma história.

— Pois eu não sei nenhuma — a menina falou, assustada com a proposta.

— Então a Preguiça conta! Acorde! — ambos disseram, beliscando-a pelas duas bandas ao mesmo tempo.

A Preguiça abriu os olhos lentamente:

— Não estava dormindo — disse com a voz rouca, fraquinha. — Ouvi cada palavra que os amigos disseram.

— Conte uma história! — pediu a Lebre de Março.

— Sim, por favor! — implorou Alice.

— E seja breve — acrescentou o Chapeleiro. — Senão você adormece antes de terminar.

— Era uma vez três irmãzinhas — começou, com muita pressa. — Os nomes delas eram Elzinha, Laisinha e Tiquinha. Viviam no fundo de um poço...

— Elas se alimentavam do quê? — disse Alice, sempre muito interessada em questões sobre comida e bebida.

— Melaço — a Preguiça respondeu, após passar uns minutinhos refletindo.

— Impossível — Alice comentou gentilmente. — Ficariam doentes.

— Pois ficaram *muito* doentes — a Preguiça concordou.

Alice tentou imaginar como seria esse jeito extraordinário de viver, mas ficou muito perplexa. Então, fez outra pergunta:

— Mas por que viviam no fundo do poço?

— Beba mais chá — a Lebre de Março sugeriu a Alice, com veemência.

— Eu ainda nem bebi — respondeu, ofendida. — Então não é possível beber mais.

— Na verdade, você está querendo dizer que não dá para beber *menos* , certo? — o Chapeleiro indagou. — Aliás, é bem fácil beber *mais* que nada.

— Ninguém pediu a *sua* opinião maluca — ela disse.

— Quem está fazendo comentários pessoais agora? — o Chapeleiro perguntou, triunfante.

Alice não sabia o que dizer. Então, serviu-se de chá e pão com manteiga e voltou-se para a Preguiça, repetindo a pergunta:

— Por que viviam no fundo do poço?

A Preguiça, novamente, gastou um tempão refletindo. E disse:

— Era um poço de melão.

— Isso não existe! — ela declarou, irritada.

O Chapeleiro e a Lebre pediram silêncio e a Preguiça comentou, mal-humorada:

— Se você não tem educação para ouvir, é melhor que você mesma termine a história.

— Não, continue, por favor! — ela disse, muito humildemente.
— Não interrompo mais. Arrisco dizer que pode existir *um* poço de melaço por aí.

— Um, de fato! — disse a Preguiça, indignada. Entretanto, consentiu em continuar: — As três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a tirar...

— O que elas tiravam? — perguntou Alice, já se esquecendo da sua promessa.

— Melaço — disse a Preguiça, desta vez sem refletir nem sequer um instante.

— Quero uma xícara limpa — o Chapeleiro interrompeu. — Vamos todos passar um lugar adiante.

Ele se moveu ainda enquanto falava e foi seguido pela Preguiça. A Lebre de Março passou para o lugar da dorminhoca e Alice tomou, a contragosto, o lugar da Lebre. O Chapeleiro foi o único que tirou vantagem da mudança. Alice ficou bem pior que antes, dado que a Lebre de Março havia derrubado toda a botija de leite onde estava, antes de sair.

Alice não queria ofender a Preguiça, então disse com muita cautela:

— Mas eu não compreendo. De onde tiravam o melaço?

— Você tira água de um poço de água, certo — o Chapeleiro perguntou. — Então, é óbvio que você pode tirar melaço de um poço de melaço, não é, sua tonta?

— Mas elas estavam *dentro* do poço — ela disse para a Preguiça, escolhendo ignorar esse último comentário.

— Claro que estavam — a Preguiça concordou. — Bem fundo.

Essa resposta confundiu a pobre Alice, o que permitiu à Preguiça seguir por um tempo sem interrupção.

— Estavam aprendendo a tirar — continuou a Preguiça, bocejando e coçando os olhos, pois já estava ficando com muito sono. — E tiravam todo tipo de coisa... tudo que começa com D...

— Por que com D? — ela disse.

— Por que não? — a Lebre de Março retrucou.

Alice ficou em silêncio.

A Preguiça fechou os olhos e dormiu; mas foi beliscada pelo Chapeleiro, despertou chiando e continuou:

— Tudo que começa com D, como dentes-de-leão, diamantes, desejos e a demasia... sabe, como quando dizemos que as coisas são “demasiado demais”... você já viu algo como tirar a demasia?

— Agora que você perguntou? — ela disse, confusa. — Acho que não...

— Então fique quieta — disse o Chapeleiro.

Essa demonstração de grosseria foi mais do que Alice poderia aguentar: ela se levantou muito contrariada e foi embora. A Preguiça adormeceu instantaneamente e nenhum dos outros dois se deu conta de que ela partia, apesar de Alice ter olhado para trás uma ou duas vezes, meio que esperando ser chamada de volta. Na última vez em que os avistou, estavam tentando enfiar a Preguiça na chaleira.

— Não volto *lá* nunca mais! — ela disse, enquanto tomava seu rumo pelo bosque. — É a festa de chá mais estúpida que já vi na vida!

Ao dizer isso, notou que uma das árvores continha uma porta.

“Que coisa estranha”, pensou. “Mas tudo está esquisito hoje. Acho que eu vou entrar e pronto.” E lá foi ela.

Mais uma vez, estava no salão, próxima à mesinha de vidro.

— Dessa vez, vou me sair melhor — comentou consigo mesma e começou por pegar a chavezinha dourada e destrancar a porta que dava para o jardim.

Então, mordiscou o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até que tivesse trinta centímetros. Atravessou a pequena passagem e, finalmente, chegou ao lindo jardim, entre os canteiros de flores e as fontes refrescantes.

O CROQUÉ DA RAINHA

Havia uma grande roseira na entrada do jardim: floresciam rosas brancas, mas três jardineiros as pintavam de vermelho. Alice achou tudo muito curioso e se aproximou para vê-los, quando ouviu um deles dizer:

— Presta atenção, Cinco! Não fique esguichando tinta em mim assim!

— Não foi culpa minha — Cinco falou, zangado. — O Sete esbarrou no meu cotovelo!

Ao que o Sete respondeu imediatamente:

— Isso aí, Cinco! Sempre botando a culpa nos outros!

— É melhor você ficar quieto! — Cinco afirmou. — Ouvi a Rainha dizer ontem mesmo que você merecia ser decapitado!

— Por quê? — disse aquele que havia falado primeiro.

— Isso não é problema *seu*, Dois! — Sete respondeu zangado.

— É *sim* problema dele! — Cinco disse. — E vou contar: foi por trazer bulbos de tulipa em vez de cebolas.

Sete atirou o pincel no chão e começou:

— Olha, de todas as injustiças...

Foi quando seus olhos pousaram sobre Alice, que observava tudo parada. Ele se calou de repente. Os outros também olharam em volta e todos fizeram grandes reverências.

— Vocês poderiam me dizer por que estão pintando essas rosas?
— perguntou Alice, um pouco tímida.

Cinco e Sete se calaram, mas olharam para Dois, que falou baixinho:

— Olha, moça, o negócio é o seguinte: essa deveria ser uma roseira *vermelha*. Plantamos uma branca por engano. Se a Rainha descobre, ela arranca nossa cabeça, você sabe. Então, estamos fazendo o melhor possível antes que ela venha para...

Nesse momento, Cinco, que inspecionava o jardim muito preocupado, gritou:

— A Rainha! A Rainha!

E os três jardineiros se jogaram de cara no chão imediatamente. Ouviu-se o som de muitos pés marchando. Alice olhou ao redor, ávida para ver a Rainha.

Primeiro surgiram dez soldados carregando porretes, todos com a musculatura dos jardineiros: alongados e achatados, com mãos e pés nos cantos. Vinham, então, dez palacianos, cobertos de diamantes, caminhando em duplas, como faziam os soldados. Depois, as crianças da corte: eram dez, saltitando de mãos dadas, ornamentadas com corações. Em seguida vieram os convidados, em sua maioria Reis e Rainhas, entre os quais Alice reconheceu o Coelho Branco: conversava de maneira atropelada e nervosa, rindo de qualquer coisa que diziam, por isso, passou sem notá-la. O Valete de Copas carregava a coroa real em uma almofada de veludo carmesim. E, ao fim da grande procissão, vinham o Rei e a Rainha de Copas.

Alice ficou em dúvida se deveria se deitar com o rosto enfiado no chão como fizeram os três jardineiros, mas nunca ouvira uma regra dessas em um cortejo.

“Além do mais, de que serve uma procissão se as pessoas estão deitadas com o rosto no chão, sem vê-la?”, Alice pensou.

Ficou parada onde estava, esperando.

Quando o cortejo ficou frente a frente com Alice, todos pararam e a contemplaram. A Rainha disse, severa:

— Quem é essa? — perguntou ao Valete de Copas, que respondeu apenas com uma reverência e um sorriso.

— Idiota! — disse a Rainha balançando a cabeça com impaciência. Virando-se para Alice, continuou:

— Qual é seu nome, filha?

— Eu me chamo Alice, Vossa Majestade — ela disse, bem polida.

Mas acrescentou para si mesma:

— Ué, eles são apenas um baralho, afinal. Não preciso ter medo deles!

— E quem são esses? — perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros deitados sob a roseira.

Perceba: como eles enfiaram a cara no chão e a estampa em suas costas era a mesma da tropa, a Rainha não conseguia dizer se eram jardineiros, soldados, palacianos ou três de suas crianças.

— Como é que eu vou saber? — respondeu Alice, surpresa com a própria coragem. — Não é problema *meu*.

A Rainha ficou púrpura de tão furiosa e, após passar um instante fitando Alice feito um animal selvagem, gritou:

— Cortem-lhe a cabeça! Cortem...

— Bobagem! — respondeu Alice, em voz alta e decidida, silenciando a Rainha.

O Rei pousou a mão sobre o braço dela e disse, timidamente:

— Veja, querida, ela é só uma criança!

A Rainha livrou-se dele irritada e ordenou ao Valete:

— Revire-os!

Coisa que o Valete fez, cautelosamente, com o pé.

— Levantem-se! — disse a Rainha, em uma voz penetrante de tão aguda, e os três jardineiros instantaneamente se puseram em pé, reverenciando o Rei, a Rainha, as crianças da corte e todo o resto do povo.

— Parem com isso! — berrou a Rainha. — Acham que sou trouxa?

E, voltando-se para a roseira, continuou:

— O *que* vocês estavam fazendo aqui?

— Com licença, Vossa Majestade — disse Dois, muito humildemente, apoiando-se em um joelho enquanto falava. — Estávamos tentando...

— Estou vendo! — disse a Rainha, que, em uma batida de olhos, examinou as rosas. — Cortem-lhes as cabeças!

E o cortejo seguiu adiante, com três dos soldados na traseira, encarregados de executar os três desafortunados jardineiros, que correram em direção à Alice em busca de proteção.

— Ninguém vai cortar suas cabeças! — ela disse, colocando-os em um grande vaso de flores que estava por ali.

Os três soldados procuraram por eles, desbaratinados por alguns minutos, e depois continuaram em marcha atrás do cortejo.

— As cabeças foram arrancadas? — gritou a Rainha.

— As cabeças sumiram, Vossa Majestade! — os soldados gritaram em resposta.

— Ótimo! — gritou a Rainha. — Você sabe jogar croqué?

Os soldados se calaram e olharam para Alice, pois a pergunta era obviamente para ela.

— Sim! — respondeu Alice.

— Vamos lá, então! — urrou a Rainha, e Alice se juntou à procissão, imaginando o que aconteceria em seguida.

— É... é um belo dia! — afirmou uma voz tímida, próxima de Alice.

Era o Coelho Branco, que a olhava com sinais de nervosismo.

— É mesmo — ela disse. — Onde está a Duquesa?

— Shh! — sussurrou o Coelho, baixinho.

Ele olhou de soslaio sobre o próprio ombro enquanto falava. Levantou na ponta dos pés, aproximou a boca no ouvido de Alice e segredou:

— Ela foi sentenciada à morte.

— Por quê? — perguntou Alice.

— Você está com dó? — o Coelho devolveu a pergunta.

— Não — ela disse. — Nem um pouco. Eu perguntei “Por quê?”.

— Ela deu um tapa no pé do ouvido da Rainha — contou o Coelho.

Alice deu um gritinho de risada.

— Ei, shh! — o Coelho sussurrou apavorado. — A Rainha vai te ouvir! Foi o seguinte: ela chegou meio atrasada e a Rainha disse...

— Todos em seus lugares! — berrou a Rainha com voz de trovão, fazendo o povo correr feito bobo pra tudo quanto era lado, trombando uns nos outros.

Contudo, após alguns minutos, todos se organizaram e a partida começou. Alice pensou que jamais veria um campo de croqué tão esquisito na vida: coberto de buracos e morrinhos, as bolas eram ouriços vivos, os tacos eram flamingos e os soldados tinham de se dobrar e apoiar os pés e mãos uns dos outros para formar os arcos.

A primeira e maior dificuldade de Alice foi manejar o flamingo: ela conseguiu acomodar o corpo do bicho até com algum conforto sob seu braço, com as pernas esticadas para fora. Porém, quando conseguia endireitar o pescoço para dar uma tacada na cabeça do ouriço, o flamingo se *revirava*, observando o rosto dela com uma cara de confusão que era impossível não rir. Assim que ela baixava a cabeça dele, pronta para recomeçar, descobria que o ouriço havia se desenrolado e rastejava para longe. Além de tudo isso, havia buracos e morrinhos para todos os lados em que ela mandasse a bola e, como os soldados, dobrados, não paravam de mudar de lugar no campo, Alice percebeu rapidamente como era difícil jogar aquilo.

Todo mundo jogava ao mesmo tempo, sem esperar sua vez, brigando sem parar, lutando pelos ouriços. Bastou um instante para a Rainha se envolver apaixonadamente na partida, pisando no chão com força e gritando “cortem-lhe a cabeça” para vários dos presentes.

Alice começou a se sentir incomodada: até então, não tinha entrado em nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer instante.

“E aí, o que vai ser de mim?”, pensou. “O pessoal aqui adora arrancar a cabeça dos outros, não sei como sobrou alguém vivo!”

Ela procurava um jeito de escapar, imaginando como sair dali sem ser vista, quando notou uma curiosa aparição no ar: no início ficou espantada. Logo depois, adivinhou que se tratava de um sorriso. Disse para si mesma:

— É o Gato de Sorriso: agora tenho alguém com quem conversar.

— Como vai? — disse o Gato, assim que teve boca o suficiente ao redor do sorriso.

Alice esperou até aparecerem os olhos e acenou.

“Não adianta falar com ele até chegarem os ouvidos”, pensou.

Quando apareceu a cabeça inteira, Alice largou o flamingo e começou a falar do jogo, muito contente por ter alguém para ouvi-la. O Gato parecia achar que já havia o suficiente dele por ali, pois nenhuma outra parte surgiu.

— Esse jogo não é justo — Alice reclamou. — Eles brigam de um jeito tão horrível que ninguém consegue se escutar... o jogo não segue nenhuma regra. Se há regra, ninguém respeita. Você não faz ideia da bagunça que é e do trabalho que dá. Está tudo vivo! Por exemplo, o arco que eu preciso acertar fica correndo ao redor do campo... e eu precisava acertar meu ouriço no ouriço da Rainha, mas ele fugiu quando viu o meu chegando!

— Gostou da Rainha? — disse o Gato, em voz baixa.

— Nem um pouco — respondeu a menina. — Ela é tão... — foi aí que notou que a Rainha estava pertinho dela, escutando — ... tão boa que com certeza vai vencer, nem adianta jogar até o fim.

A Rainha sorriu e seguiu adiante.

— Com quem você está falando? — disse o Rei, correndo até Alice e olhando para a cabeça do Gato com muita curiosidade.

— É um amigo meu... o Gato de Sorriso — disse. — Permita-me apresentá-lo.

— Não me parece um bom sujeito — o Rei afirmou. — Mesmo assim, ele pode beijar minhas mãos se quiser.

— Não quero — afirmou o Gato.

— Não seja impertinente — o Rei disse. — E não olhe assim para mim! — Ele se escondeu atrás de Alice enquanto falava.

— Um gato pode olhar para um rei — Alice falou. — Li isso em um livro, não sei onde.

— Bom, esse aí deve ser removido — disse o Rei, decidido, e chamou a Rainha, que passava por ali: — Querida! Eu gostaria que você removesse esse gato!

A Rainha só tinha uma maneira de resolver seus problemas, fossem grandes ou pequenos:

— Cortem-lhe a cabeça! — disse, sem nem olhar em volta.

— Eu mesmo buscarei o Carrasco — disse o Rei, impaciente, e correu dali.

Alice pensou em retornar para ver como estava o jogo, pois tinha ouvido a voz da Rainha à distância, gritando com entusiasmo. Três jogadores já tinham sido sentenciados à morte por passarem a

vez. Alice não estava nada contente com o andar da carruagem, o jogo estava um caos tão grande que era impossível saber se era ou não sua vez. Decidiu procurar seu ouriço.

O bicho estava lutando com outro, uma excelente oportunidade para uma tacada: a única dificuldade era que seu flamingo tinha fugido para o outro lado do jardim, desesperado, e estava tentando subir em uma árvore.

Quando conseguiu trazer o flamingo de volta, a luta havia acabado e ambos os ouriços desapareceram.

“Não faz diferença”, pensou. “Todos os arcos saíram deste lado do campo.”

Então, botou o flamingo debaixo do braço, para que não escapasse outra vez, e voltou para conversar com seu amigo.

Ao retornar para a companhia do Gato de Sorriso, ela se surpreendeu com a multidão reunida ao redor dele: havia uma disputa entre o Carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam todos ao mesmo tempo, enquanto o resto permanecia calado e bastante incomodado.

Alice foi interpelada pelos três para solucionar a questão, todos repetindo seus argumentos. No entanto, como falavam ao mesmo tempo, era muito difícil entender o que diziam.

Este era o argumento do Carrasco: não era possível cortar uma cabeça se ela não tivesse um corpo. Ele não estava disposto a passar por tal situação *àquela* altura da vida.

O argumento do Rei era: tudo que tem cabeça pode ser decapitado, e que o Carrasco estava dizendo bobagem.

O argumento da Rainha era: se ninguém fizesse algo imediatamente, ela mandaria decapitar todo mundo. (Esse comentário deixou todos muito preocupados.)

Alice não conseguiu pensar em nada para dizer, além de:

— O Gato pertence à Duquesa, melhor perguntar a *ela*.

— Ela está presa — a Rainha disse ao Carrasco. — Vá buscá-la.

E lá correu o assassino, igual a uma flecha.

O Gato começou a desaparecer e, quando a Duquesa chegou, ele já não estava lá. Rei e Carrasco corriam de um lado para o outro, procurando-o, enquanto o resto da patota voltava para o jogo.

A HISTÓRIA DO JABUTI DE MENTIRA

Você não imagina como estou feliz em revê-la, minha velha amiga! — disse a Duquesa ao dar o braço para Alice, calorosamente. E saíram caminhando juntas.

Alice estava muito contente de encontrá-la de bom humor. Pensou que a fúria da Duquesa lá na cozinha talvez fosse apenas produto da enorme quantidade de pimenta.

“Quando *eu* for Duquesa”, pensou Alice (sem grandes esperanças), “não vai ter pimenta *nenhuma* na minha cozinha. A sopa fica gostosa sem pimenta... quem sabe não é a pimenta que deixa as pessoas tão esquentadas?”

E continuou, feliz por ter descoberto uma nova regra da vida: E o vinagre deixa o povo azedo... a camomila deixa as pessoas calmas e... e as balas de caramelo deixam as crianças tão docinhas! Só queria que as pessoas soubessem *disso*. Elas não seriam tão pão-duras conosco, sabe?”

Ela, que já tinha se esquecido da Duquesa, arregalou os olhos quando ouviu sua voz ao pé do ouvido:

— Você anda pensando em algo, querida, que te faz esquecer de falar. Eu agora não consigo te dizer qual é a moral da história, mas vou me lembrar daqui a pouco.

— Talvez não tenha moral nenhuma — Alice se aventurou a comentar.

— Nananina não — disse a Duquesa. — Tudo tem uma moral, basta você encontrá-la. — E se espremia para o lado de Alice enquanto falava.

A menina não gostou muito daquele grude. Primeiro, porque a Duquesa era feia *demais*; segundo, porque o queixo dela estava na altura do ombro de Alice, e era um queixo pontudo e desconfortável. Mas, por não querer ser rude, aguentou como podia.

— O jogo está bem melhor agora — observou Alice, tentando reavivar a conversa um pouco.

— Pois é! — disse a Duquesa. — E a moral da história é: “Ai esse amor, que faz o mundo girar!”.

— Alguém disse — sussurrou Alice — que o que faz o mundo girar é que cada um cuide da própria vida.

— Ah, bem! Quase a mesma coisa — disse a Duquesa, enfiando o queixinho pontudo no ombro de Alice ao acrescentar: — E a moral disso é... “Cuide dos sentidos, e os sons é que se virem”.

— Como ela adora achar moral em tudo — Alice comentou sozinha.

— Aposto que você está se perguntando por que eu não te abraço pela cintura? — falou a Duquesa, após uma pausa. — O motivo é: não sei se seu flamingo é mansinho. Posso tentar?

— Ele pode bicar — respondeu Alice, cautelosa, nada empolgada em presenciar o fato.

— É bem verdade... — concordou a Duquesa. — Flamingos e mostardas bicam. E a moral da história é: “Aves da mesma plumagem vadiam juntas”.

— Só que mostarda não é uma ave — Alice comentou.

— Certo — a Duquesa admitiu. — Para variar, seu jeito direto de ver as coisas!

— Mostarda é um mineral, eu acho — Alice respondeu.

— Claro que é. — A Duquesa parecia disposta a concordar com qualquer coisa que Alice dissesse. — Aqui perto tem uma enorme mina de mostarda. E a moral da história é: “Quanto mais tem do meu, menos tem do seu”.

— Ah, já sei! — exclamou Alice, que nem prestou atenção nessa última fala. — É um vegetal. Não parece, mas é.

— Eu até concordo com você — a Duquesa afirmou. — E a moral dessa história é: “Seja o que você parece ser”, ou, para simplificar: “Nunca imagine ser algo que não pareça aos outros que você foi ou poderia ter sido, ou que não é o que não poderia parecer a eles de uma outra forma”.

— Acho que eu entenderia melhor se estivesse escrito no papel — Alice respondeu. — Assim eu não consigo acompanhar.

— Isso não é nada perto do que eu poderia dizer, se quisesse — a Duquesa declarou, satisfeita.

— Espero que não esquente a cabeça em falar mais do que já falou — Alice respondeu.

— Ah, para mim não é questão de esquentar a cabeça! — a Duquesa disse. — Vou te fazer um presente com tudo o que falei até agora.

“Que porcaria de presente!”, Alice pensou, sem se aventurar a dizer em voz alta. “Ainda bem que não dão presentes de aniversário assim.”

— Pensando de novo? — a Duquesa perguntou, após dar outra pontada com o queixo no ombro de Alice.

— Eu tenho o direito de pensar — respondeu, firme, pois estava ficando um pouco preocupada.

— Está certinha — a Duquesa falou. — Assim como os porcos têm direito de voar, e a mo...

Então, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa sumiu no meio de sua palavra favorita (“moral”) e o braço que envolvia Alice começou a tremer. Avistaram a Rainha parada diante delas, braços cruzados, zangada a ponto de parecer carregar uma tempestade na testa.

— Que lindo dia, Majestade! — a Duquesa começou, com a voz fraca e baixa.

— Escuta, é um aviso que eu te dou! — a Rainha gritou batendo o pé no chão enquanto falava. — Você ou sua cabeça vão se arrancar daqui neste momento! Escolha logo entre uma ou outra!

A Duquesa fez sua escolha e desapareceu em um instante.

— Vamos continuar com o jogo — a Rainha disse a Alice.

A menina estava apavorada demais para falar qualquer coisa e seguiu a Rainha lentamente de volta para o campo de croqué. Os outros convidados tiravam proveito da ausência da Rainha, descansando à sombra. Porém, correram de volta para o jogo assim que a viram, sabendo que um segundo de atraso poderia custar-lhes a vida.

Durante toda a partida, a Rainha não parava de brigar com os outros jogadores, gritando “cortem-lhe a cabeça!”. Os sentenciados à morte eram levados em custódia pelos soldados, que obviamente

precisaram abandonar suas funções de arcos. Dessa maneira, bastou meia hora para o jogo não ter mais nenhum arco. Com exceção do Rei, da Rainha e de Alice, todos os outros jogadores haviam sido levados, sob sentença de morte.

A Rainha então abandonou o jogo e perguntou a Alice, praticamente sem fôlego:

— Você já viu o Jabuti de Mentira por aí?

— Não — ela respondeu. — Eu nem sei o que é um Jabuti de Mentira.

— É a coisa com que fazem sopa de Jabuti de Mentira — a Rainha explicou.

— Nunca vi nem ouvi falar — Alice afirmou.

— Venha, então — a Rainha disse. — Ele vai contar sua própria história.

Enquanto saíam juntas, Alice ouviu o Rei dizendo, em voz baixa, para toda a companhia:

— Estão todos perdoados.

— Puxa, que coisa *boa*! — Alice disse consigo mesma, pois estava muito infeliz com o número de execuções ordenadas pela Rainha.

Elas logo se depararam com um Grifo dormindo ao sol. (Se você não sabe o que é um Grifo, olhe a imagem.)



— Levanta, preguiçoso! — a Rainha ordenou. — Leve esta moça até o Jabuti de Mentira. Ela precisa escutar a história dele. Tenho de voltar para dar conta de algumas execuções que ordenei. E a Rainha partiu, deixando Alice e o Grifo a sós. Ela não gostou muito da aparência da criatura, mas achou que seria mais seguro ficar com ele do que com aquela Rainha cruel. Então, esperou.

O Grifo sentou-se, coçou os olhos e assistiu à partida da Rainha até que ela sumisse de vista. Começou a rir.

— É pura diversão! — o Grifo disse, meio para si mesmo, meio para Alice.

— *Qual é a graça?* — ela perguntou.

— Ué, *ela* — o Grifo respondeu. — Isso aí é só fantasia dela: eles nunca matam ninguém, bicho. *Vambora!*

— Todo mundo aqui diz para onde a gente deve ir — Alice disse para si mesma, enquanto o seguia. — Nunca recebi tantas ordens na vida, nunca!

Não demorou muito até avistarem o Jabuti de Mentira, triste e solitário sobre um rochedo. Ao se aproximarem, Alice ouviu o bicho soluçando como se seu coração fosse se partir. Ela sentiu muito por ele.

— Por que ele está tão triste? — a menina perguntou ao Grifo, que respondeu usando praticamente as mesmas palavras da outra vez.

— Isso é só fantasia dele. Não tem tristeza nenhuma, bicho. *Vambora!*

Quando chegaram até ele, o Jabuti de Mentira os fitou com seus grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada.

— Essa moça aqui, olha — o Grifo apontou para Alice —, quer saber sua história. É isso aí, podes crer, bicho.

— Vou contar — o Jabuti de Mentira disse com voz vaga e grave. — Sentem-se os dois e não digam uma palavra antes que eu termine.

Sentaram-se e ninguém falou nada por alguns minutos. Alice pensou:

“Não sei *quando* ele vai terminar, nem se vai começar.”

Mas esperou pacientemente.

— Uma vez — o Jabuti de Mentira começou, após um grande suspiro —, eu já fui um Jabuti de Verdade.

Depois dessas palavras veio um longuíssimo silêncio, quebrado apenas por uma exclamação pontual do Grifo (“*Rrrrjcrh!*”) e o lamento constante do Jabuti de Mentira. Alice estava prestes a se levantar e dizer “Obrigada por sua interessantíssima história, meu senhor”, mas não conseguia parar de pensar no que sairia dali. Por isso, permaneceu sentada, sem dizer nada.

— Quando éramos pequenos — finalmente retomou o Jabuti de Mentira, mais calmo apesar de ainda soltar alguns soluços —, íamos para a escola debaixo d’água. O mestre era um velho jabuti... a gente o chamava de Tartarugo...

— Por que vocês o chamavam de Tartarugo, se ele não era um?
— Alice perguntou.

— A gente o chamava assim porque ele nos ensinou assim — o Jabuti de Mentira disse, injuriado. — Que tonta você é!

— Você deveria ter vergonha de perguntar um negócio tão besta — acrescentou o Grifo.

Ficaram em silêncio, olhando para a pobre Alice, que a essa altura tinha vontade de sumir afundando na terra. Enfim, o Grifo disse para o Jabuti de Mentira:

— Segue em frente, parceiro! Chega de nove horas!

E o Jabuti continuou, assim:

— Sim, a gente ia para a escola debaixo d’água, apesar de vocês não acreditarem...

— Eu nunca disse que não acreditava! — interrompeu Alice.

— Disse sim — respondeu o Jabuti.

— Segura essa língua! — acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse voltar a dizer algo.

E o Jabuti seguiu:

— A gente tinha a melhor das educações. Na verdade, a gente ia para a escola todos os dias...

— *Eu* também já fui para a escola — disse a menina. — Não precisa falar com esse orgulho todo.

— Com aulas extras? — perguntou o Jabuti, um pouco ansioso.

— Sim. A gente aprendia francês e música.

— E a lavar, aprendiam? — disse o Jabuti.

— Óbvio que não! — ela disse, indignada.

— Ah, então sua escola nem era tão boa — constatou o Jabuti, aliviado. — Agora, *na nossa*, vinha escrito no calendário: francês, música *e lavanderia*, aulas extras.

— Você não precisaria muito — ela disse. — Morando dentro d'água.

— Eu não podia pagar — disse o Jabuti, em mais um soluço. — Só fazia a aula normal.

— Quais aulas tinha? — perguntou Alice.

— Língua tortuguesa, é claro, para começar — respondeu o Jabuti. — E então as diferentes operações da aritmética: ambição, distração, irrisão e enfeimento.

— Nunca ouvi falar de “enfeimento” — Alice se aventurou a dizer. — O que é?

O Grifo levantou as patas, surpreso:

— O quê?! Nunca ouviu falar de enfeimento?! — exclamou. — Você sabe o que é embelezamento, imagino.

— Sim — ela disse, incerta. — Significa... deixar... uma coisa... mais bonita.

— Isso — continuou o Grifo. — Se você não entende o que é enfeitar, então é uma tonta.

Alice se sentiu desencorajada a fazer qualquer outra pergunta sobre isso, então voltou-se para o Jabuti:

— O que mais você aprendia?

— Olha, tinha aula de estória — respondeu o Jabuti de Mentira, contando os assuntos nas patas. — Estória antiga e moderna, com aguografia. E aula de arrastação física. O professor de arrastação física era uma velha enguia, que vinha uma vez por semana. *Ele* nos ensinou arrastação, espreguiçamento e enrolação de molagem.

— Como é que era *isso*? — ela perguntou.

— Olha, não consigo te mostrar — disse o Jabuti de Mentira. — Eu não tenho ginga e o Grifo nunca aprendeu.

— Não tive tempo — disse o Grifo. — Mas fui à aula de estudos clássicos. O professor era um caranguejo velho, ô se era...

— Não fui ao curso dele — disse o Jabuti de Mentira, em um suspiro. — Ele dava aulas de cética e risadaria, não é?

— Era isso mesmo, era isso mesmo... — disse o Grifo, suspirando.

Ambos esconderam o rosto em suas patas.

— E vocês tinham quantas horas de aula por dia? — disse Alice, com pressa de mudar de assunto.

— Dez horas no primeiro dia — disse o Jabuti de Mentira. — Nove horas no segundo, e assim por diante.

— Que grade esquisita! — exclamou Alice.

— Por isso que se chama grade — comentou o Grifo. — Ela vai se abrindo dia após dia.

Essa era uma ideia bem nova para Alice, que refletiu antes de fazer o seguinte comentário:

— Então o décimo primeiro dia era feriado?

— Claro que sim — respondeu o Jabuti de Mentira.

— E como era no décimo segundo? — Alice indagou, entusiasmada.

— Chega de falar da grade — o Grifo interrompeu. — Agora conte a ela algo sobre os jogos.

A QUADRILHA DAS LAGOSTAS

O Jabuti de Mentira suspirou fundo e cobriu o rosto com uma das patas. Depois, olhou para Alice e tentou falar, mas por alguns minutos os soluços se sobrepuseram à sua voz.

— É como se ele tivesse um osso na garganta — disse o Grifo e lançou-se ao trabalho de sacudir e bater nas costas do Jabuti.

Enfim, o Jabuti de Mentira recuperou a voz e, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, retomou:

— Você não deve ter vivido muito embaixo d'água...

— Não mesmo — respondeu Alice.

— E talvez você nunca tenha sido apresentada a uma lagosta...

— disse o Jabuti.

Alice começou a dizer “Uma vez eu experiment...”, mas logo percebeu o que estava prestes a fazer e trocou a resposta:

— Não, nunca.

— Então você não tem ideia da maravilha que é a Quadrilha das Lagostas! — disse o Jabuti.

— Não mesmo — ela disse. — Que tipo de dança é essa?

— Ora — disse o Grifo — primeiro você forma uma fila na beira d'água.

— Duas filas! — exclamou o Jabuti. — Focas, jabutis, salmões e por aí vai. Então, depois de tirar todas as águas-vivas do caminho...

— *Isso* costuma levar tempo — interrompeu o Grifo.

— Dois passos para frente... — disse o Jabuti.

— Cada um com sua lagosta! — exclamou o Grifo.

— É claro — disse o Jabuti de Mentira. — Dois para frente, cumprimenta o companheiro...

— Troca de lagosta e *returnê* — continuou o Grifo.

— Aí, você sabe — disse o Jabuti —, é hora de jogar...

— As lagostas! — vibrou o Grifo saltando no ar.

— O mais longe possível, dentro d'água...

— Agora nade atrás delas! — exclamou o Grifo.

— E dá um mortal dentro d'água — gritou o Jabuti de Mentira, rebolando com alegria.

— Troque de lagosta outra vez! — berrou o Grifo, a plenos pulmões.

— De volta pra terra! E essa é a primeira parte — disse o Jabuti, repentinamente baixando a voz.

As duas criaturas, que pulavam loucamente esse tempo todo, voltaram a se sentar: tristes, calados e olhando para Alice.

— Deve ser uma dança muito bonita — ela disse, timidamente.

— Gostaria de ver um pouco? — disse o Jabuti de Mentira.

— Certamente — ela disse.

— Viva, vamos tentar essa primeira parte! — disse o Jabuti ao Grifo. — A gente faz sem as lagostas. Quem canta?

— Ah, *você* canta — disse o Grifo. — Esqueci a letra.

E começaram a dançar em torno de Alice, pisando nos dedos dela a toda hora e sacudindo as patas da frente para marcar o tempo. Enquanto isso, o Jabuti de Mentira cantava, bem devagar e melancolicamente:

— *“Acelera aí!”, diz a piaba ao caramujo.*

“A cavalinha aqui atrás ‘tá cheirando a rabujo.”

Na Quadrilha das Lagostas o jabuti sacode a pança.

Caiu na água, dança. Não caiu, segura a criança

Quem dança, quer dança. Quem não dança segura a criança.

Quem dança, quer dança. Vai dançar ou ficar com a criança?

“Você não tem ideia da maravilha que vai ser

Quando a gente se jogar: eu, as lagostas e você?”

Caramujo olhou torto, enjoado da festança:

Agradeceu ao badejo, mas não quis cair na dança.

Caramujo não dança, caramujo segura a criança.

Caramujo não dança, caramujo segura a criança.

“Do que importa a lonjura?”, respondeu o escamoso.

“Vamos! Na outra borda d’água, viver é mais gostoso.”

Quanto mais longe daqui, mais perto de Madagascar.

Não se avexe, caramujo, é lá que a gente vai dançar.

Quem dança, quer dança. Quem não dança segura a criança.

Quem dança, quer dança. Vai dançar ou ficar com a criança?

— Obrigada, é uma dança muito boa de assistir — ela disse, sentindo-se muito contente por ter terminado. — E também adorei essa música interessantíssima sobre o peixe!

— Ah, sobre a piaba — disse o Jabuti de Mentira. — Eles... você já viu uma piaba, certo?

— Sim — ela disse. — Eu costumo vê-las no jant... — E interrompeu a si mesma.

— Não sei onde fica esse tal jant... — disse o Jabuti. — Mas se você vê piaba com frequência, sabe como elas são.

— Acredito que sim — Alice respondeu, pensativa. — Elas têm cauda na boca... e vêm empanadas.

— Empanadas, não — disse o Jabuti de Mentira. — A farinha sairia na água. Mas cauda na boca elas têm mesmo. E é porque... — Bocejou, fechou os olhos e disse ao Grifo: — Conte a ela o porquê.

— É porque elas *iam* para a dança com as lagostas — disse o Grifo. — Daí foram atiradas na água. Daí foram atiradas para longe... Daí precisaram travar a cauda na boca. Daí não conseguiram arrancar de volta. É isso.

— Obrigada — ela disse. — É muito interessante, nunca aprendi tanto sobre piabas.

— Posso ensinar mais, se quiser — disse o Grifo. — Sabe por que elas têm esse nome?

— Nunca pensei sobre isso — ela disse. — Por quê?

— *Crianças são criadas à base de piaba* — o Grifo respondeu, muito solenemente.

Alice ficou completamente perplexa.

— *Crianças são criadas à base de piaba* — ela repetiu, em um tom de devaneio.

— Ué, você foi criada *como*? — pediu o Grifo. — Digo, o que faz você crescer?

Alice olhou para si mesma e refletiu um pouco antes de responder.

— Comida, eu acho.

— Embaixo d'água — continuou o Grifo, grave —, criança cresce na base da piaba.

— E como é que vivem as crianças embaixo d'água? — Alice perguntou, com muita curiosidade.

— É óbvio: filho de peixe, peixinho é — respondeu o Grifo já perdendo a paciência. — Qualquer camarão poderia te dizer isso.

— Se eu fosse a piaba — ela disse, ainda pensando na música —, diria para a cavalinha: “Espere aí, por favor: a gente não quer ir com *você!*”.

— Precisavam se manter juntas — disse o Jabuti de Mentira. — Peixe esperto não anda sem cavalinha.

— Jura que não? — ela disse, muito surpresa.

— Juro que não — disse o Jabuti. — Ora, se um peixe viesse falar *comigo*, dizendo que sairia em uma jornada, eu diria: “Vai de cavalinha?”.

— De cavalo, você quer dizer? — ela perguntou.

— Eu digo o que quero dizer — respondeu o Jabuti, ofendido.

E o Grifo acrescentou:

— Oba, vamos ouvir alguma de *suas* aventuras.

— Eu poderia te contar minhas aventuras... começando pela manhã de hoje — disse Alice, um pouco tímida. — Mas não faz sentido falar de ontem, porque eu era uma outra pessoa.

— Explique-se — pediu o Jabuti.

— Não, não! As aventuras primeiro — disse o Grifo, impaciente.
— Explicações tomam um tempo terrível.

Então Alice começou a contar suas aventuras desde que avistou o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa no começo, pois as criaturas chegaram muito pertinho dela, cada uma de um lado, com olhos e bocas *bem* abertos. Mas ela tomou coragem e continuou. Seus ouvintes estavam absolutamente quietos até chegar na parte em que cantou o “Já tá velho, seu Guilherme” para a Taturana, e a letra saiu toda diferente. Foi quando o Jabuti de Mentira respirou bem fundo e disse:

— Isso é muito esquisito.

— É o cúmulo da esquisitice — disse o Grifo.

— Saiu tudo diferente — repetiu o Jabuti de Mentira, pensativo.

— Eu gostaria de ouvi-la cantar algo agora. Diga a ela para começar.

O Jabuti olhou para o Grifo como se este tivesse alguma autoridade sobre Alice.

— Levante-se e cante “A voz da preguiça” — disse o Grifo.

“Essas criaturas nos dão ordem e fazem as pessoas repetirem as músicas”, pensou Alice. “Preferia estar na escola.”

No entanto, ela se levantou e começou a cantar, mas sua cabeça estava tão cheia de Quadrilha de Lagosta que mal sabia o que estava dizendo. A letra saiu bem esquisita mesmo:

— A voz da lagosta cantava bem assim:

“Que bronze! Mamãe passou açúcar em mim.”

Põe a roupa de sair, se enfeita todo,

Mora lá na água, mas vai passar o rodo.

Na areia seca, se acha o esperto

Mostra gingado e fala mal de tubarão.

Quando a maré sobe, chegam os maiores,

Lagosta fica mansa, vira leva-e-traz.

— É diferente do que *eu* cantava quando criança — disse o Grifo.

— Bom, eu nunca tinha escutado — disse o Jabuti de Mentira. —
Achei uma bobagem fora do normal.

Alice não disse nada. Estava sentada com as mãos cobrindo o rosto, imaginando se as coisas voltariam ao normal ainda nesta vida.

— Gostaria que você explicasse — disse o Jabuti.

— Ela não consegue — disse o Grifo. — Continue com a próxima estrofe.

— Mas e aquela história do rodo? — persistiu o Jabuti. — *Como* ele passava rodo morando dentro d'água?

— Passar o rodo é uma expressão — ela disse.

Alice estava terrivelmente perplexa com a coisa toda, querendo muito mudar de assunto.

— Canta a próxima parte — repetiu o Grifo, impaciente. — Começa com “Passei pelo jardim”.

Alice não ousou desobedecer, apesar da certeza de que cantaria tudo errado. Continuou, com a voz trêmula:

— *Passei pelo jardim e vi de soslaio*

A coruja e o gato-do-mato cambaio.

O bichano jantava carne com molho,

A coruja manjava torta de repolho.

No fim, a coruja fez uma oração,

Embolsou a colher: “Tchau, meu anfitrião.”

E o gato-do-mato foi muito gentil

Grunhiu satisfeito.

— *Por que* cantar esse negócio todo — interrompeu o Jabuti de Mentira —, se você não explica o que está dizendo? É, de longe, a

coisa mais confusa que já ouvi!

— Sim, acho melhor você parar com isso — disse o Grifo, para a alegria de Alice.

— Vamos tentar outra parte da Quadrilha das Lagostas? — continuou o Grifo. — Ou você quer o Jabuti cantando uma música?

— Uma música, por favor, se o Jabuti nos fizer essa gentileza — respondeu Alice, com tanta impaciência que o Grifo se ofendeu:

— Hum! O gosto vai de cada um! Cante a “Sopa de Jabuti” para ela, meu parceiro.

O Jabuti de Mentira suspirou fundo e começou, com a voz soluçante:

— Que bela sopa, verde e singela

Bem quentinha na tigela!

Quem resistiria a essa iguaria?

Sopa da noite, bela sopinha.

Sopa da noite, bela sopinha.

Beeeee... la! Sopinha!

Beeeee... la! Sopinha!

So... pa da noi... te,

Lin... da sopinha!

Bela sopinha verde-abacate.

Muito melhor que comer chocolate.

*Quem não daria a grana todinha
Só por um prato da bela sopinha?
Só por um prato da bela sopinha?
Beeeee... la! Sopinha!
Beeeee... la! Sopinha!
So... pa da noi... te,
Lin... da, lin... da sopinha!”*

— O refrão mais uma vez! — berrou o Grifo, e o Jabuti de Mentira já começava a repeti-lo, quando um grito de “O julgamento vai começar!” foi ouvido à distância.

— Vambora! — exclamou o Grifo e, levando Alice pela mão, saiu apressado, sem nem esperar a música terminar.

— É julgamento do quê? — ela disse, ofegante.

Mas o Grifo só respondeu:

— Vambora! — e correu ainda mais rápido.

Conforme caminhavam, a brisa trazia um canto melancólico e cada vez mais fraco:

*— So... pa da noi... te,
Beeeee... la! So... pinha!*

QUEM ROUBOU AS TORTAS?

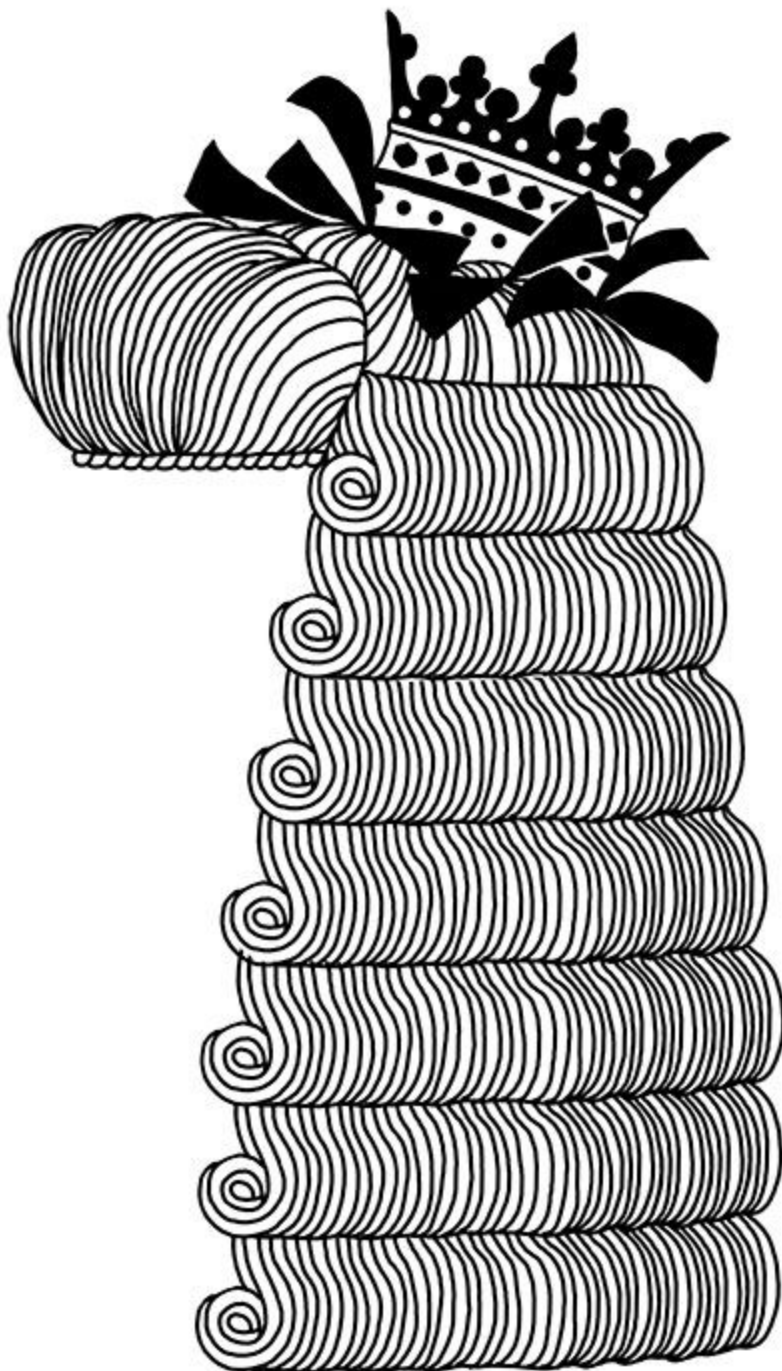
O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos. Uma multidão se reunia em torno deles: eram todos os tipos de passarinhos e criaturas, além do baralho completo. O Valete, de pé, estava acorrentado atrás do trono sob vigia de dois soldados, um de cada lado. Perto do Rei estava o Coelho Branco, com um trompete em uma das mãos e um pergaminho na outra. No centro da corte estava uma mesa, com grande prataria e recheada de tortas: elas pareciam tão gostosas que Alice ficou esfomeada só de vê-las...

“Queria que terminassem logo esse julgamento e servissem logo o rango”, pensou.

Mas não parecia haver essa possibilidade, então Alice começou a observar tudo que estava ao seu redor para passar o tempo. Ela nunca estivera em um tribunal antes, mas já lera a respeito nos livros. Ficou contente de saber o nome de praticamente tudo e todos os que estavam ali.

— Aquele é o juiz — disse para si mesma —, por causa da peruca enorme.

O juiz, a propósito, era o Rei. Como usava a coroa por cima da peruca (observe a ilustração para ver como ele conseguia), não parecia nada confortável, bonito menos ainda.



— E aquela é a banca do júri — Alice disse para si mesma. — E aquelas doze criaturas — ela foi obrigada a dizer “criaturas”, perceba, porque alguns eram animais e, outros, pássaros —, imagino que sejam os membros do júri.

Disse essa última palavra duas ou três vezes, orgulhosa por conhecê-la: ela achava — corretamente — que pouquíssimas meninas de sua idade saberiam o significado de “membros do júri”. No entanto, a palavra “jurado” também serviria.

Os doze jurados estavam atarefadíssimos escrevendo em suas lousas.

— O que eles estão fazendo? — Alice perguntou ao Grifo. — Eles não têm nada para anotar, o julgamento nem começou.

— Estão anotando os próprios nomes — sussurrou o Grifo, em resposta. — Por medo de se esquecerem antes do fim da sessão.

— Que estupidez! — exclamou Alice, indignada, mas foi rapidamente interrompida pelo berro do Coelho Branco:

— Silêncio no tribunal! — E o Rei colocou os óculos para olhar em volta, procurando quem falava.

Alice conseguia perceber, como se olhasse por cima de seus ombros, os jurados todos escrevendo “que estupidez!” nas lousas. Ela até adivinhou que um deles não sabia soletrar a palavra “estupidez”, e precisou perguntar ao vizinho.

— Essas lousas estarão uma bagunça até o final do julgamento! — pensou Alice.

O lápis de um dos jurados rangia. Isso, evidentemente, Alice *não* era capaz de suportar: ficou atrás dele, buscando uma oportunidade de tomar para si aquele lápis. Fez isso de maneira tão ligeira que o pobrezinho do jurado (era Bill, a Lagartixa) não foi capaz de entender o que havia acontecido. Assim, depois de caçá-la por todos os lados, Bill foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia —

o que não adiantou nada, pois seus dedos não deixavam nenhuma marca na lousa.

— Oficial, leia a acusação! — disse o Rei.

Foi então que o Coelho Branco deu três sopradas no trompete, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

— A Rainha fez umas tortas

Em um belo dia quente.

O Valete roubou as tortas

E fugiu sorridente!

— Apresentem o veredito! — o Rei disse ao júri.

— Ainda não, ainda não! — o Coelho interrompeu, apressado. — Tem muita coisa antes disso!

— Chame a primeira testemunha! — disse o Rei.

O Coelho Branco tocou mais três vezes o trompete e convocou:

— Primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Trazia uma xícara de chá em uma das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra.

— Perdoe-me, Majestade — ele disse —, por trazer isso comigo. Ainda não havia terminado de tomar meu chá quando fui intimado.

— Já deveria ter terminado — disse o Rei. — Começou quando?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o acompanhou corte adentro, de braços dados com a Preguiça.

— Catorze de março, eu *acho* — disse o Chapeleiro.

— Quinze — disse a Lebre de Março.

— Dezesseis — disse a Preguiça.

— Anotem isso — o Rei disse ao júri, e todos os jurados impulsivamente anotaram as três datas em suas lousas, fizeram uma conta de adição com as datas e reduziram a resposta a um valor em dinheiro.

— Retire seu chapéu — o Rei disse ao Chapeleiro.

— Não é meu — respondeu o Chapeleiro.

— *Ladrão!* — exclamou o Rei, voltando-se ao júri, que imediatamente relatou o fato.

— São para vender — o Chapeleiro disse, explicando-se. — Nenhum deles é meu. Eu sou um chapeleiro.

A Rainha colocou seus óculos e fitou o Chapeleiro, que empalideceu, inquieto.

— Apresente seu depoimento — disse o Rei. — E não fique nervoso, senão mando executarem você agora mesmo.

Aquilo não pareceu encorajar em nada a testemunha, que seguiu se movendo freneticamente, sempre com o olhar constrangido em direção à Rainha. Nesse estado de confusão, o Chapeleiro mordeu um pedaço da xícara em vez do pão com manteiga.

Bem nesse momento, Alice sentiu algo curioso. Ela estava crescendo outra vez. Primeiro pensou em se levantar e deixar a corte. Mas, após refletir um pouco, decidiu permanecer enquanto houvesse espaço para ela.

— Queria que você não me espremesse assim — disse a Preguiça, que sentava ao seu lado. — Eu mal consigo respirar.

— Não posso fazer nada — ela disse, resignada. — Estou crescendo.

— Você não tem o direito de crescer *aqui* — disse a Preguiça.

— Ora, não diga besteira — ela afirmou, atrevida. — Você sabe muito bem que também está crescendo.

— Sim, mas *eu* cresço em um ritmo razoável — disse a Preguiça. — Não desse jeito ridículo. — Levantou-se emburrada e foi para o outro lado da corte.

Tudo isso acontecia sem que a Rainha parasse de olhar para o Chapeleiro. Só depois que a Preguiça atravessou lentamente o tribunal, ela disse a um dos oficiais:

— Tragam-me a lista de cantores do último espetáculo! — O que estremeceu o Chapeleiro de tal maneira que até seus sapatos escaparam dos pés.

— Apresente seu depoimento — o Rei repetiu, irritado —, senão ordeno sua execução, não me importa se estiver nervoso ou não.

— Eu sou pobre, Majestade — começou o Chapeleiro, com voz trêmula. — Não tinha começado a tomar meu chá... faz uma ou duas semanas... e o pão com manteiga minguando... e o chá cintilando...

— O chá estava fazendo o *quê*? — disse o Rei.

— *Começa* com “c” — respondeu o Chapeleiro.

— É óbvio que chá começa com “c”! — disse o Rei. — Você acha que eu sou idiota? Continue!

— Eu sou pobre — continuou o Chapeleiro —, e a maioria das coisas cintilaram depois disso... foi quando a Lebre de Março disse

que...

— Eu não disse — interrompeu a Lebre, com a maior pressa.

— Disse sim! — gritou o Chapeleiro.

— Eu nego! — retrucou a Lebre de Março no mesmo tom.

— Ele nega — disse o Rei. — Esqueçam essa parte.

— Bom, de qualquer maneira, a Preguiça disse... — continuou o Chapeleiro, olhando ao redor com impaciência para ver se ela também negaria.

Mas a Preguiça não negou, pois estava dormindo.

— Depois — continuou o Chapeleiro —, cortei mais um pedaço de pão com manteiga...

— Mas o que a Preguiça disse? — perguntou um membro do júri.

— Disso eu não lembro — disse o Chapeleiro.

— Você *precisa* lembrar — afirmou o Rei. — Ou ordenarei sua execução.

O coitado do Chapeleiro derrubou a xícara de chá e o pão com manteiga antes de se ajoelhar.

— Eu sou pobre, Majestade — ele começou.

— Seu *discurso* é *muito* pobre — disse o Rei.

Um dos porquinhos-da-índia vibrou e foi imediatamente suprimido pelos oficiais.

(Como essa palavra “suprimido” é um pouco estranha, vou explicar como tudo aconteceu: eles pegaram uma sacola de lona, amarrada com cordas, e enfiaram o porquinho-da-índia lá dentro, pela cabeça. Depois, sentaram-se em cima do saco.)

— Que legal poder presenciar tudo sendo feito — Alice comentou sozinha. — Já li sobre isso nos jornais, quando a notícia a respeito do julgamento informa que: “As tentativas de aplausos foram imediatamente suprimidas pelos oficiais da corte”. Eu não tinha entendido o significado até agora.

— Se isso é tudo o que sabe, está dispensado — disse o Rei.

— Não consigo dispensar — disse o Chapeleiro. — Agora já pensei.

— Então sente-se e pronto — respondeu o Rei.

Neste momento, outro porquinho-da-índia vibrou e foi suprimido também.

“Viva, acabaram-se os porquinhos!”, pensou Alice. “Agora vai melhorar.”

— Prefiro terminar meu chá — disse o Chapeleiro, olhando impaciente para a Rainha, que lia a lista de cantores.

— Você pode ir — disse o Rei.

Imediatamente, o Chapeleiro saiu correndo do tribunal tão rápido que sequer calçou os sapatos.

— ... e arranquem a cabeça dele lá fora — a Rainha disse a um dos oficiais, mas o Chapeleiro já estava longe e inalcançável.

— Próxima testemunha — disse o Rei.

Era a vez da cozinheira da Duquesa. Trazia consigo uma caixa de pimenta. Alice adivinhou quem era antes mesmo de ela entrar na corte, pelo jeito com que as pessoas perto da porta começaram a espirrar todas de uma vez.

— Apresente seu depoimento — disse o Rei.

— Apresento nada — disse a Cozinheira.

O Rei olhou nervoso para o Coelho Branco, que disse em voz baixa:

— Vossa Majestade deve interrogar esta testemunha.

— Bom, se devo, então devo — disse o Rei, com certa melancolia.

Após cruzar os braços e franzir o rosto até que seus olhos quase desaparecessem, disse em um tom grave:

— De que são feitas as tortas?

— De pimenta, principalmente — disse a Cozinheira.

— Melaço — disse uma voz sonolenta atrás dela.

— Prendam essa Preguiça! — gritou a Rainha. — Cortem a cabeça da Preguiça! Removam a Preguiça do tribunal! Suprimam! Espremam! Arranquem seus olhos!

Por alguns minutos, o tribunal inteiro afundou no caos ao buscar uma solução para se livrar da Preguiça. Quando se organizaram novamente, a Cozinheira havia desaparecido.

— Não tem problema! — disse o Rei, muito aliviado. — Próxima testemunha!

E acrescentou, baixinho, à Rainha:

— Querida, de verdade, *you* deve interrogar a próxima testemunha. Ela me dá enxaqueca!

Alice viu o Coelho Branco fuçando na lista, muito curiosa para saber quem seria a próxima testemunha.

— *Até agora* eles não têm evidência de nada — disse consigo mesma.

Imaginem a surpresa de Alice quando o Coelho Branco leu, com a máxima potência de sua vozinha:

— Alice!

AS EVIDÊNCIAS DE ALICE

Estou aqui! — gritou Alice.

Ela havia esquecido, no calor da hora, do quanto crescera naqueles minutos. Alice levantou-se com tanta pressa que derrubou a banca do júri com a barra da saia e arremessou todos os jurados para cima da plateia. A menina teve uma forte recordação do aquário redondo, com um peixinho dourado, que derrubara acidentalmente uma semana antes.

— *Perdão!* — ela exclamou, desesperada, e começou a pegá-los o mais rápido que podia, pois o acidente com o peixinho parecia se repetir, o que dava a Alice uma ideia confusa de que se não os colocasse rapidamente de volta na banca do júri todos morreriam.

— O julgamento não pode seguir — disse o Rei, com voz grave — até que todos os membros do júri estejam de volta aos seus respectivos lugares. *Todos* — repetiu, enfático, olhando fixamente para Alice.

Alice olhou para a banca do júri e percebeu que, na pressa, tinha colocado a Lagartixa de cabeça para baixo. A pobre criatura mexia a cauda com melancolia, incapaz de se mexer. Ela logo apanhou o bicho e o recolocou do lado certo.

— Não que isso signifique muita coisa — disse consigo mesma. — Para esse julgamento, a Lagartixa é *tão* útil virada para cima quanto para baixo.

Assim que os jurados se recuperaram do choque de terem sido arremessados, e como já tinham suas lousas e riscadores de volta, empenharam-se em escrever relatos sobre o incidente. Todos menos a Lagartixa, que parecia encarar como um desafio impossível qualquer coisa mais complexa do que ficar de boca aberta olhando para o teto da corte.

— O que você sabe sobre esse negócio? — o Rei disse para Alice.

— Nada — ela respondeu.

— *Nadica* de nada? — persistiu o Rei.

— Nadica de nada — ela repetiu.

— Isso é muito importante — disse o Rei, voltando-se para o júri.

O pessoal já anotava o fato em suas lousas quando o Coelho Branco interrompeu:

— *Desimportante*, Vossa Majestade quis dizer, é claro — pronunciou em um tom muito respeitoso, mas fazia caras e bocas.

— *Desimportante*, é claro, foi o que eu quis dizer — o Rei concordou, precipitadamente, e continuou falando baixinho consigo mesmo. — *Desimportante... importante... desimportante... importante...* — Como se experimentasse qual palavra soava melhor.

Uma parte do júri anotou “importante”, a outra, “desimportante”. Alice podia vê-los escrevendo, estava próxima o bastante para espiar as lousas.

“Mas isso não importa em nada”, pensou consigo mesma.

Nesse momento, o Rei, que esteve muito ocupado fazendo anotações por alguns momentos, berrou:

— Silêncio! — E leu de seu livro: — Regra Número Quarenta e Dois. *Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem deixar a corte.*

Todos olharam para Alice.

— *Eu não* tenho um quilômetro de altura — ela disse.

— Tem sim — disse o Rei.

— Quase dois — acrescentou a Rainha.

— Bom, eu não vou embora, não tem conversa — ela disse. — Além disso, essa não é uma regra normal. Você acabou de inventá-la.

— É a regra mais antiga do livro — disse o Rei.

— Então deveria ser a Regra Número Um — ela corrigiu.

O Rei empalideceu e fechou seu livro com tudo.

— Apresentem seu veredito — ele pediu ao júri com voz baixa e trêmula.

— Ainda há evidências a serem apresentadas, Majestade — afirmou o Coelho Branco, saltando apressado. — Este documento apareceu agorinha.

— O que está escrito nele? — perguntou a Rainha.

— Ainda não vi — disse o Coelho Branco. — Mas parece ser uma carta escrita pelo prisioneiro para... para alguém...

— Deve ter sido — concordou o Rei. — A menos que tenha sido escrita para ninguém, o que não é muito comum.

— A carta é direcionada a quem? — inquiriu um dos membros do júri.

— Direcionada a ninguém — disse o Coelho Branco. — Na verdade, não tem nada escrito no *lado de fora*.

O Coelho desdobrou o documento enquanto falava, e acrescentou:

— Não é uma carta, no fim das contas. São versos.

— Têm a caligrafia do prisioneiro? — perguntou outro membro do júri.

— Não, não têm — respondeu o Coelho Branco. — O que é muito esquisito.

(O júri estava perplexo.)

— Ele deve ter imitado a caligrafia de outra pessoa — disse o Rei.

(O júri estava esclarecido.)

— Por favor, Majestade — disse o Valete. — Eu não a escrevi. Também não é possível provar que eu a tenha escrito, pois não há nenhuma assinatura no fim.

— Se você não assinou — afirmou o Rei —, isso só piora a situação. Você *quis* causar confusão, caso contrário, assinaria como qualquer homem honesto.

Uma salva de palmas veio da audiência. Todos consideraram que aquela era a primeira coisa realmente inteligente que o Rei havia dito naquele dia.

— Então *isso* prova sua culpa — completou a Rainha.

— Isso não prova nada! — falou Alice. — Você nem sabe sobre o que são os versos!

— Leia! — disse o Rei.

O Coelho Branco colocou os óculos.

— De onde devo começar, Majestade? — ele perguntou.

— Comece do começo — o Rei disse gravemente. — Vá até o fim. Então, pare.

E os versos lidos pelo Coelho Branco eram assim:

— *Disseram que você foi lá
falar com o indivíduo:*

*“O cara não sabe nadar,
mas é um bom partido.”*

*Disseram, então, que não fui
(Sabemos que é verdade)*

*Pensa como seria ruim
se ela continuasse.*

*Dei um pra ela, deram dois,
Você deu três ou mais.*

*Voltaram pra você depois
Mas eram meus, rapaz.*

*Se eu e você estivéssemos
No meio da confusão*

*Ele nos livraria, intrépido,
Do tenso paredão.*

*Minha noção, no comecinho,
(Antes de ela dar um jeito)
Era que a pedra no caminho
Quem pôs foi seu malfeito.*

*Mas nunca o deixe saber
Que deles ela gostava.
Guarde o segredo com você
Como flecha n'aljava.*

— Essa é prova mais importante que analisamos até agora — disse o Rei, esfregando as mãos. — Agora, deixemos o júri...

— Se alguém puder explicar os versos, eu pago 10 contos! — exclamou Alice (tinha crescido tanto nos últimos minutos que não estava nem um pouco intimidada ao interrompê-lo). — Eu não vejo nenhum átomo de sentido nisso.

O júri todo anotou em suas lousas: “*Ela não vê nenhum átomo de sentido nisso*”. Mas ninguém tentou explicar o poema.

— Se não tem significado, maravilha — disse o Rei. — Assim a gente não precisa tentar entender. Se bem que... — continuou, conferindo os versos expostos sobre o joelho. — Acho que vejo algum significado neles, afinal. “*O cara não sabe nadar*”... você não sabe nadar, sabe? — acrescentou, voltando-se para o Valete.

O Valete meneou a cabeça, triste:

— Eu pareço saber nadar, Majestade? — perguntou.

E ele certamente *não* parecia saber nadar, pois era feito de papel-cartão.

— Até aqui, tudo bem — disse o Rei, murmurando os versos consigo mesmo. — “*Sabemos que é verdade...*” esse é o júri, claro... “*Dei um pra ela, deram dois...*” Ora, isso é o que ele fez com as tortas...

— Mas continua com “*voltaram para você depois*” — Alice completou.

— Ué, estão ali! — disse o Rei, triunfante, apontando para as tortas na mesa. — Nada pode ser mais claro que *isso*. Veja: “*antes de ela dar um jeito*”. Você nunca deu um jeito, não é, minha querida? — ele disse para a Rainha.

— Nunca! — respondeu a Rainha, furiosa, arremessando um tinteiro na Lagartixa.

(Nosso desafortunado Bill tinha desistido de escrever em sua lousa com o dedo, pois notou que não funcionava. Mas se apressou a retomar o trabalho usando a tinta que escorria de seu rosto.)

— Então as palavras não se *ajeitam* a você — disse o Rei, olhando ao redor da corte com um sorriso.

Houve um silêncio mortal.

— É um trocadilho! — o Rei acrescentou, ofendido, e todos sorriram. — Deixemos que o júri apresente o veredito — ele disse, pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — exclamou a Rainha. — Primeiro a sentença, depois o veredito.

— Nada a ver! — respondeu Alice, em voz alta. — É uma ideia completamente absurda a sentença vir primeiro!

— Segure sua língua, menina! — disse a Rainha, ficando roxa.

— Eu não! — respondeu Alice.

— Cortem-lhe a cabeça! — a Rainha gritou a plenos pulmões.

Ninguém se mexeu.

— Quem liga pra vocês? — respondeu Alice (ela tinha voltado ao seu tamanho normal a essa hora). — Vocês não passam de um baralho!

Foi então que o carteado todo se jogou para cima e desceu voando em direção a ela. Alice gritou, meio de medo meio de nervoso. Tentou obstruí-los e viu-se deitada no banco, com a cabeça no colo de sua irmã, que delicadamente retirava folhas mortas que pousaram das árvores no rosto de Alice.

— Acorde, Alice querida! — disse a irmã. — Nossa, que soneca longa você tirou!

— Ah, eu tive um sonho muito curioso! — respondeu Alice, e contou à irmã, tão bem quanto se lembrava, todas as estranhas aventuras que você leu por aqui.

Quando terminou, sua irmã lhe deu um beijo e disse:

— O sonho *foi* muito curioso, querida, certamente. Mas agora vá comer seu lanche, já está ficando tarde.

Alice se levantou e saiu correndo, pensando no sonho maravilhoso que tivera.

Sua irmã permaneceu sentada do mesmo jeito, recostando a cabeça nas mãos, assistindo ao sol poente e pensando na pequena

Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que mal e mal começou a sonhar também algo mais ou menos assim:

Primeiro, a própria Alice, de mãozinhas agarradas nos joelhos, com os olhos claros e espertos fitando os da irmã... ela até podia ouvir o tom de voz de Alice, e percebia a sacudida com a cabeça que evitava que o cabelo errante caísse nos olhos... escutava, ou parecia escutar, todo o espaço ao seu redor ganhando vida com as estranhas criaturas do sonho de sua irmã.

A grama alta farfalhou ao seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado... O Camundongo assustado se debateu na piscina de lágrimas... Ela ouviu a barulheira das xícaras de chá da refeição sem fim que a Lebre de Março dividia com seus amigos e também ouviu a voz aguda da Rainha condenando seus infelizes convidados à morte... Mais uma vez, a bebê-porco espirrou no joelho da Duquesa enquanto as louças se arrebetavam em torno deles... Mais uma vez o berro do Grifo, o chiado do lápis da Lagartixa e o sufoco dos porquinhos-da-índia suprimidos preencheram o ar, misturados com lamentos distantes do miserável Jabuti de Mentira.

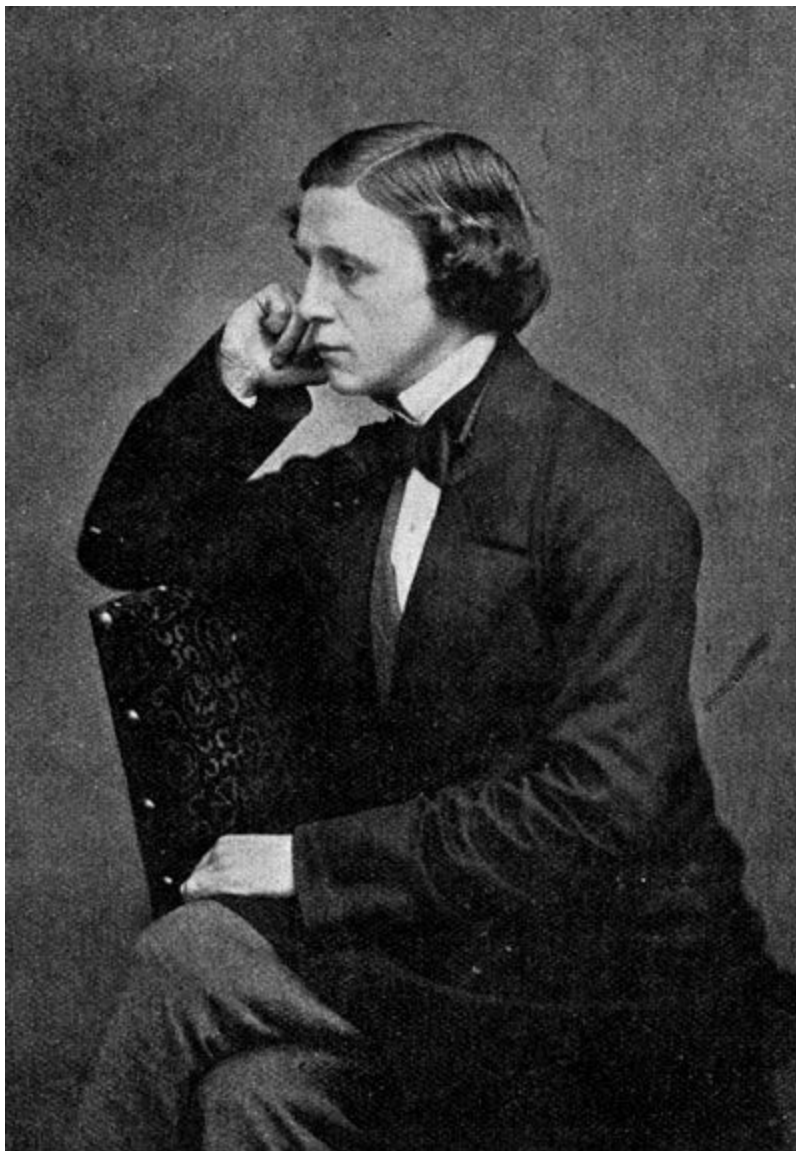
Calada e de olhos cerrados, a irmã quase acreditou estar no País das Maravilhas. No entanto, sabia que precisava abrir os olhos e ver tudo se transformar em uma realidade sem qualquer brilho... A grama só farfalharia com o vento, e as águas se movimentariam com as ondas dos juncos... O estrépito das xícaras viraria o tilintar dos sinos das ovelhas, os berros agudos da Rainha, a voz do menino do pastoreio... os espirros da bebê, as exclamações do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos se transformariam (ela sabia) no clamor

confuso da fazenda... E o mugido distante do gado tomaria o lugar dos lamentos do Jabuti de Mentira.

Por último, ela imaginou sua irmãzinha no futuro. Uma mulher feita. Idealizou Alice durante seus melhores anos, ainda com o coração simples e amoroso da infância. Ela reuniria mais criancinhas em torno dela e iluminaria *seus* olhares com muitas histórias estranhas, talvez até com seu antigo sonho do País das Maravilhas. Pensou em como Alice sentiria tristezas tolas e encontraria prazer em alegrias bobas, ao recordar-se da infância e dos dias felizes de verão.

NOTAS

1. Relato de Alice Pleasance Liddell, ou senhora Reginald Hargreaves, extraído do livro *The Life and Letters of Lewis Carroll* (Rev. C. L. Dodgson), de Stuart Dodgson Collingwood. Ela é a criança que inspirou Lewis Carroll a escrever as aventuras de Alice. Quarta dos dez filhos de Henry Liddell, decano da Christ Church, em Oxford, e sua esposa Lorina Hanna.
2. A maioria dos poemas transcritos nos dois livros de Alice são paródias de Lewis Carroll sobre poemas e canções da época em que as obras foram escritas. Nesses casos, a paródia sobreviveu aos originais, que hoje em dia são lembrados apenas em razão do sucesso dos próprios livros.
3. As máquinas de banho, espécie de coche usado na praia, eram muito comuns na Inglaterra do século 19. À época, mulheres não podiam ser vistas com roupas de banho. Assim, as máquinas serviam para que elas pudessem aproveitar a água do mar sem serem vistas — a mulher ia até a praia vestida como se estivesse na cidade, adentrava a máquina e, uma vez lá dentro, saía já no mar vestida com sua roupa de veraneio.
4. Guilherme, o Conquistador (1035-1087), foi o primeiro rei da Inglaterra vindo da Normandia, região que hoje faz parte da França.



Charles Lutwidge Dodgson é mais conhecido como Lewis Carroll. Matemático, tornou-se célebre por ter escrito as aventuras da menina Alice. Nasceu em 27 de janeiro de 1832, no condado de Cheshire, no Reino Unido. Lecionou matemática a maior parte de sua vida no Christ College, em Oxford. Apaixonado por fotografia e celibatário, projetava seu ideal de infância feliz e o desencanto com a vida adulta em versos e paródias presentes em sua obra literária. Morreu em Guildford, na Inglaterra, em 14 de janeiro de 1898.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE
TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO
DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias. Assim, fica mais fácil quebrar as barreiras linguísticas do Domínio Público.

SEJA EXTRAORDINÁRIO PARA 200 MILHÕES DE LEITORES. VISITE:

www.dominioaopublico.org.br

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio [ao] Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopublico.org.br/permissoes

mojo^{.org}

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Presidente: Ricardo Giasseti Vice-presidente: Larissa Meneghini

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo, Tales Galvão

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giasseti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2018 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A Mojo.org dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O Domínio [ao] Público é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao Clube do Livro para Leitores Extraordinários.

Visite, conheça e apoie: <https://dominioaopublico.org.br/>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baum, L. Frank, 1856-1919

Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll ;

[traduzido por André Cristi; ilustrador Andre Ducci].

-- 1. ed. -- São Paulo: Mojo.org, 2019. -- (Mundos extraordinários ; 4) Título original: adventures of alice : in wonderland and through the looking lass

1. Literatura infantojuvenil I. Cristi, André.

II. Título. III. Série.

19-24993

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EXPEDIENTE



Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

Texto integral sem adaptação.

Tradução: André Cristi

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Amanda Zampieri e LapPub Real Job (Monique D'Orazio, Bruna Xavier, Ingrid Machado, Rebeca Benício e Shana Bielkin)

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte: Cyla Costa

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Tradução e edição ©2019, Instituto Mojo de Comunicação Intercultural.

LICENÇA DAS FONTES

Roboto —

<https://github.com/google/roboto/blob/master/LICENSE>

Crimson Text — https://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=OFL_web